



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS IV

EDIVONHA LEITE DOS SANTOS
PATRÍCIA TEIXEIRA DE ARAÚJO

A INFLUÊNCIA DE *OS PASTORES DA NOITE* NA
CONSTRUÇÃO/INVENÇÃO DA BAIANIDADE

JACOBINA

2012

**EDIVONHA LEITE DOS SANTOS
PATRÍCIA TEIXEIRA DE ARAÚJO**

**A INFLUÊNCIA DE *OS PASTORES DA NOITE* NA
CONSTRUÇÃO/INVENÇÃO DA BAIANIDADE**

Monografia apresentada a Universidade do Estado da Bahia,
Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, Jacobina- BA,
como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura no
Curso de Letras Vernáculas.

Orientador: Professor Me. Joabson Lima Figueiredo.

JACOBINA

2012

EDIVONHA LEITE DOS SANTOS
PATRÍCIA TEIXEIRA DE ARAÚJO

Monografia de conclusão de curso submetida à banca examinadora da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, como pré-requisito para a conclusão do curso de Letras Vernáculas.

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora:

Profº. Me. Joabson Lima Figueiredo

Universidade do Estado da Bahia

Profº. Dr. Antenor Rita Gomes

Universidade do Estado da Bahia

Me. Ana Paula Moreira do Nascimento

AGRADECIMENTOS

Ao nosso grandioso Deus por nos fortalecer nas nossas batalhas todos os dias.

Aos nossos maravilhosos pais e mães por nos incentivarem e apoiarem na construção do conhecimento como base para vida.

Às nossas irmãs pelas orações constantes, pela força e pela crença nos nossos esforços.

Às nossas avós Isabel Almerinda Araújo e Blandina Dantas *IN MEMORIAN* por acreditarem, incentivarem e colaborarem com o nosso processo de formação não só acadêmico.

Aos nossos professores e professoras que direta ou indiretamente nos mostraram o conhecimento como alimento essencial para a busca pela sabedoria e respeito social.

Aos nossos amigos e amigas, companheiros de luta pelas horas de poesias e prosas conselheiras, base indispensável para o bem viver.

Aos (as) nossos (as) companheiros (as) e amantes que estiveram conosco e nos apoiaram, compreendendo nossas constantes ausências.

Ao nosso orientador Joabson Lima Figueiredo pela autonomia de ideias que nos proporcionou, fato este que fortaleceu ainda mais a conclusão deste trabalho.

À nossa Banca examinadora pela solicitude/disposição em participar na avaliação/apreciação deste trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a criação/invenção do discurso de baianidade através da obra *Os Pastores da Noite* de Jorge Amado na 32ª ed. de 1979, dialogando principalmente com teóricos como Cláudia Vasconcelos, João Edson Rufino, Gilberto Freyre, Albuquerque Junior, Milton Moura, Lilia Moritz Schwarcz e Ilana Seltzer Goldstein, a fim de discutir as ideias de cultura baiana apregoadas como verdadeiras pela mídia e fortalecidas pelo romance. Dessa forma, procuramos verificar e entender de que maneira este influenciou no que convencionalmente fica entendido como ideal de modos de vida baiano. Para tanto, este estudo buscou de modo exploratório abordar discursivamente essa idealização cultural e identitária em contraponto com a identidade interiorana das autoras em questão.

Palavras-chave: Baianidade, identidade, Os Pastores da noite, cultura baiana e Jorge Amado.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the creation/ invention of baianidade's speech through the *Os Pastores da Noite* by Jorge Amado, 32nd edition 1979. It dialogues primarily with theorists as Claudia Vasconcelos, João Edson Rufino, Gilberto Freire, Milton Moura, Lilia Moritz Schwarcz and Ilana Seltzer Goldstein in order to discuss ideas of Bahia's culture that has being repeated by the media as truth and strengthened by the romance. It has also sought to verify and understand how such *Os Pastores da Noite* has influenced what is conventionally understood as Bahian's ideal lifestyles. Therefore, this study sought discursively approach the cultural idealization and identity issues, in counterpoint to the local and provincial identities of the authors in question.

Keywords: Bahianess, identity, Os Pastores da Noite, Bahian culture and Jorge Amado.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	30
Fotografia 2	35
Fotografia 3	43
Fotografia 4	44
Fotografia 5	47

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 BAIANIDADE	14
1.1 BAIANIDADE: O QUE É ISSO?	16
1.2 ESTEREÓTIPOS, PRÉ-CONCEITOS E PRECONCEITOS	20
2 A BAHIA DE AMADO	25
2.1 AMADO JORGE! SALVE JORGE!.....	27
2.2 <i>OS PASTORES DA NOITE</i> NA “INVENÇÃO” DA BAHIA.....	33
3 IMAGENS DE BAIANIDADE	41
3.1 MINISSÉRIE “PASTORES DA NOITE”	45
3.2 AS BAHIAS E BAIANIDADES	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS:	52

INTRODUÇÃO

A *priori* este trabalho requer fazer um passeio entre memórias, vestígios de identidade e um recorte a partir da análise da literatura *Os Pastores da noite* (1979) de Jorge Amado. Esse recorte memorial advém inicialmente de nossas vivências enquanto cidadãs baianas, que não se percebiam participante das representações disseminadas pela mídia baiana e sulista, e por que não dizer brasileira?! Posteriormente, tivemos nossos estranhamentos ainda mais aguçados e nossos questionamentos embasados quando nos tornamos ‘graduandas’ do Curso de Licenciatura Plena em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia, Campus-IV sediado na cidade de Jacobina. Foi quando apareceu em nossas vidas João Edson Rufino, com um discurso que embasou teoricamente nossas ideias iniciais a respeito da identidade baiana pregando o seguinte:

A Bahia, assim como percebem os cronistas dos tempos coloniais, é descrita como a terra desejada, uma vez que não oferece nenhum tipo de resistência para aqueles que pretendem usufruir de seu espaço, de sua cultura e sua gente. Tais marcas foram escolhidas ao longo da história por intelectuais, artistas, representantes do povo e, com o passar do tempo, foram cristalizadas no imaginário coletivo da nação (RUFINO, 2008, p. 100).

Tal autor impregnou em nossas mentes e posteriormente nas nossas vivências um modo de percepção que vai além do discurso hegemônico de identidade baiana que já carregávamos. Com isso, nossas definições “descontextualizadas” e/ou a não participação dos ideários da baianidade emergiram ganhando força neste instante, a partir de um discurso fundamentado teoricamente em tais pressupostos de desconstrução.

A partir desse momento fomos sendo embebidas pelo discurso enfático e persuasivo de alguns professores que, em suas aulas, nos levavam a refletir acerca da criação da baianidade e formular interrogações como: Que Bahia é essa pregada pela mídia? Ela corresponde à ideia real da imensa diversidade cultural baiana? Ao falar sobre baianidade, os sujeitos têm consciência sobre o que estão falando ou estão apenas reproduzindo um discurso do qual desconhecem o sentido? Será que ela representa realmente o que diz representar?

O indivíduo segundo Stuart Hall (2006) não nasce com identidade pronta, ela é elaborada, construída/inventada ao longo de seu período de formação, em muitos casos pode ser reconfigurada posteriormente a depender dos discursos que o rodeia. O sujeito molda sua identidade para se sentir atuante no contexto vivido, precisando construir elementos e/ou modificar características da sua personalidade para melhor encenar o seu papel dentro da história. Neste sentido é que surgiu a proposta de estudar a respeito da construção de identidades, nesse caso, a identidade baiana e suas representações a partir da influência do governo, da cultura, dos intelectuais, dos escritores e artistas.

O discurso construído em torno da representação da cultura baiana, como toda ideia de identidade, se configura como sendo uma representação imaginada. Benedict Anderson (2008, p. 33), define comunidade imaginada como: “uma comunidade política imaginada— e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana”. Nesse sentido, analisamos a baianidade como um produto mercadológico inventado diante da necessidade de tornar a Bahia um lugar diferenciado dentro da identidade cultural brasileira, destacando-se como um milagre econômico na comercialização. Assim sendo, o que nos levou a realizar esse estudo foi o desejo de compreender o que denota a palavra baianidade e a que sujeitos ela representa de fato, compreendendo o processo de sua invenção e os principais beneficiados com a sua existência. Vemos na construção da baianidade o que Hall (2006) chama de “supermercado cultural” por ser algo criado para ser consumido. Segundo ele:

Foi a difusão do consumismo, seja como realidade, seja como sonho, que contribuiu para esse efeito de “supermercado cultural”. No interior do discurso do consumismo global, as diferenças e as distinções culturais, que até então definiam a identidade, ficam reduzidos a uma espécie de língua franca internacional ou de moeda global, em termos das quais todas as tradições específicas e todas as diferentes identidades podem ser traduzidas. Este fenômeno é conhecido como “homogeneização cultural” (HALL, 2006, p. 75-6).

A formação da literatura baiana que, durante muito tempo, foi/é considerada cânone/ícone representativo da Bahia e sua cultura, tem como principal pilar as obras do escritor Jorge Amado que, com seus romances, fincou no imaginário dos brasileiros, e demais povos que tiveram acesso às suas obras, uma imagem singular. Configurada na ideia de uma terra repleta de permissividades na qual os que aqui chegam são dignos de todas as ofertas possíveis, o povo deste lugar apresenta um gingado, um ritmo, um jeito

que não se encontra em nenhum outro lugar, a partir daí, é possível acreditar que estar em festa o tempo todo e sempre alegre com a batucada própria desta terra, faz parte da cultura geral presente em qualquer parte em que se vá dentro da cidade de São Salvador e o Recôncavo baiano. Assim acreditamos que a representação dos baianos nas obras de Amado acaba por se fortalecer o discurso de hegemonia cultural na Bahia.

A representação da Bahia nas obras de Amado fortalece muitos estereótipos existentes. Em várias obras ele retrata os baianos como um povo trapaceiro e festeiro, apesar de enfrentar lutas diárias para sobreviver, fazendo referência à preguiça e a malandragem que muitos usam para fugir do trabalho. A cidade que ele retrata em suas obras é um lugar de mistérios, mulheres bonitas e fáceis, mulheres-dama, um lugar impregnado de “castelos” (prostíbulos), no qual a principal religião é o candomblé e as comidas exóticas que só a Bahia tem. Um estado resumido à sua capital, Salvador, deixando de lado as cidades do interior que pouco se assemelham com a descrição que o autor faz da Bahia. Dentre as obras de Amado uma em especial chamou nossa atenção *Os pastores da noite* (1964). O romance foi adaptado para o cinema em 1976 e posteriormente sua segunda parte virou minissérie para TV.

Esse romance, dividido em três partes, retrata em si a vida de prostitutas, boêmios, bêbados, vagabundos, vigaristas, o ódio nutrido contra a polícia, o vício da cachaça, a vida noturna da Salvador de 1960 às vésperas do golpe militar. A primeira parte trata sobre o casamento do cabo Martim, um jogador do baralho marcado e grande sedutor, e a bela Marialva (uma ex-prostituta), o casamento deles gera grande comentário entre os frequentadores do “castelo” de Tibéria e logo ganha a antipatia de muitos. A segunda parte fala sobre o batizado do filho de Massu, um negro forte que vive de fazer “bicos” e que não consegue escolher entre os pastores da noite o padrinho para o seu filho, acabando por ser escolhido por Ogum para ser compadre, nesse momento acontece o sincretismo entre o candomblé e o catolicismo. A terceira relata a invasão ao Morro do Mata Gato, mostrando as desigualdades sociais e as dificuldades enfrentadas pelas classes marginalizadas dependentes de autoridades e políticos corruptos.

Esse romance aborda muitos conflitos e estereótipos construídos acerca da Bahia e dos baianos, por se tratar de um livro extenso optamos por nos prender as duas primeiras partes por relatarem melhor os estereótipos a que nos atrelaremos nesse estudo: o malandro, a mulher fácil e o candomblé como religião principal. É salutar

afirmar que esse estudo não pretender diminuir a importância do mestre Jorge Amado e das suas obras, temos grande admiração pelo grande escritor que foi/é um dos maiores responsáveis pela divulgação da cultura baiana pelo o mundo a fora. Entretanto, nosso objetivo é analisar, através dessa obra, que baianidade é apresentada ao leitor.

Diante disso, resolvemos pesquisar o quanto esse discurso influencia na construção de alguns estereótipos e, concomitantemente, na vida dos indivíduos pertencente ao Estado, transitando com o cotidiano dos sujeitos de Salvador e os do interior. Essa pesquisa visa analisar criticamente os fatores históricos que levaram à construção da baianidade, debatendo como esse discurso foi criado e que Bahia teve como base, relacionando-a com a contemporânea.

O trabalho é fruto da pesquisa realizada a partir da leitura de autores como Durval Muniz de Albuquerque Junior em *A invenção do Nordeste e outras artes* (2001), Claudia Pereira Vasconcelos em *Ser-tão baiano: O lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana* (2011), João Edson Rufino em *Ari Barroso e a invenção do Brasil brasileiro* (2008), além de outros autores como Milton Moura, Lilia Moritz Schwarcz, Ilana Seltzer Goldstein e Gilberto Freyre. Discorrendo acerca da influência de Amado para a configuração da identidade baiana como Luiz Nova e Taiane Fernandes (s/d) discorrem:

O imaginário de baianidade é construído a partir da representação da Bahia como a terra da felicidade, festa, sol eterno, calor, praia, carnaval, axé music, tolerância racial, cultural e religiosa, etc. O termo baianidade pretende uma unidade de produção cultural, práticas cotidianas, “posturas” ou “estilo” do povo baiano, com características que não são encontradas na maior parte do estado, antes, são restritas a Salvador e ao Recôncavo (NOVA; FERNANDES, 2008).

Este estudo é dividido em três capítulos e mais considerações finais. No primeiro capítulo, intitulado *Baianidade*, dividido em quatro subtítulos, discutimos o que é baianidade refletindo seu processo de formação e a sua influência na vida dos sujeitos baianos; os estereótipos construídos a partir do discurso de baianidade, fazendo um paralelo com a obra *Os Pastores da noite*, elegendo os estereótipos que é analisados nesse trabalho; encerramos o capítulo com a análise da Bahia apresentada na obra de Amado.

No segundo capítulo, o qual chamamos *A Bahia de Amado*, inicialmente fazemos uma análise da vida de Amado. De modo resumido falamos sobre sua história e elencamos as obras de maior sucesso; analisamos também o romance escolhido para esse estudo de modo a confrontar as nossas hipóteses sobre a influência dele para a construção e/ou fixação de alguns estereótipos como o malandro, a mulher fácil e os filhos-de-Santo.

No terceiro capítulo, chamado *Imagens de baianidade*, discutimos o novo discurso de baianidade, fazendo um paralelo entre ela e a baianidade da década de 1960 apresentada no livro; analisamos também a minissérie *Pastores da Noite*, produzida pela Rede Globo, comparando-a com o romance elencando o que há de parecido e o que há de diferente e o quanto ambos colaboram na propagação do discurso imagético da Bahia; fazemos ainda uma análise crítica das bahias e baianidades existentes.

O presente trabalho possui relevância intelectual acadêmica e social, considerando os aspectos questionadores e/ou reflexivos sobre o tema em questão, características estas altamente pertinentes para o discurso sobre identidade, tendo em vista que esta é objeto de construção, influências e se configura como elemento móvel, estando sempre em reformulação.

BAIANIDADE

Baianidade é um termo que nos acompanha a muito tempo, antes mesmo de se iniciarem em nós as indagações sobre o que ela expressava realmente. Talvez fosse só hábito nosso de querer conceituar e rotular tudo, de almejarmos saber o porquê de muitas coisas e, acreditamos que isso foi mais um dos motivos que nos levou a nos unir para realizar essa pesquisa. Mas a verdade é que desde que essa palavra surgiu em nossas vidas quisemos saber o que ela significava e a quem verdadeiramente representava. Pois sempre ouvimos através dos meios de divulgação em massa, que ela é a expressão do modo de vida dos baianos, entretanto, somos baianas e não nos encaixamos no quadro pintado pela baianidade ou baianismo. Pois, se a baianidade é somente o que é divulgado pela mídia e baianos são os que seguem essa ideia, então, o que somos nós? Se não fazemos parte desse discurso, perdemos nossas “identidades baianas”?

Deste modo, Cláudia Pereira Vasconcelos diz o seguinte:

Ao referir-me ao termo “identidade baiana” ou “baianidade”, reporto-me a um conjunto de referências identitárias acerca dos modos de construção e de percepção do pertencimento à Bahia.[...] A baianidade pode ser pensada como a representação de um modo de vida idealizado, dotado de características peculiares que se diferencia do resto do Brasil (VASCONCELOS, 2011, p. 27).

Ao pesquisar a respeito da mesma descobrimos que, ao contrário do que supomos inicialmente, baianidade não é um termo inventado recentemente (assim pensávamos por não encontrarmos muito a respeito e pela restrição de material no meio mais comum de pesquisa atualmente, a internet). Ele foi criado em meados do século XIX, ganhou força e uma nova roupagem na década de 1990 com o governo de Antônio Carlos Magalhães (Nova; Fernandes, 2008). Até o momento, apesar das diversas discussões, ainda não há um “conceito oficial” do que realmente representa, mas a ideia geral a respeito em todos os autores lidos é que ele “diz” representar o modo de vida dos baianos.

Acreditamos que há mais por trás da palavra baianidade do que uma simples forma de definir o *modus vivendi* do povo baiano. Há muito a ser discutido acerca desse assunto, que generaliza e tenta tornar homogênea a pluralidade cultural existente no

estado baiano, marginalizando tudo e todos que não se encaixam nos padrões ditados pelos senhores da “Cidade da Bahia”.

É salutar ressaltar que no discurso criado em torno da baianidade, não há espaço para o interior que em muitos aspectos mais se assemelha ao sertão do Nordeste do que à Bahia litorânea. Desse modo, esse trabalho se justifica pelo fato de que os baianos que não se encaixam dentro dos estereótipos construídos de dentro para fora e de fora para dentro são, automaticamente, excluídos do cenário de cultura baiana e descentralizados, pois perdem seu referencial de cultura que no caso é o Estado da Bahia. Nesse ponto é importante destacar que a imagem conhecida da Bahia como “terra da felicidade” foi construída principalmente de dentro para fora como afirma Vasconcelos (2011) ao afirmar que a baianidade é o resultado de um projeto mercadológico.

Através desse estudo discutimos que a baianidade é apenas a representação dos costumes de alguns sujeitos dentro da cultura de um lugar muito grande e, apesar de fazerem parte de um mesmo estado, há povos que diferem culturalmente. Percebemos que tal discurso é somente a culminância de um projeto político que tem como objetivo alavancar a economia através do turismo que é fortalecido por meio da venda do discurso da “Terra da felicidade” de Ari Barroso.

Ô Bahia,
Bahia que não me sai do pensamento [...]
Na Baixa do Sapateiro
Eu encontrei um dia
A morena mais frajola da Bahia
Pedi-lhe um beijo, não deu
Um abraço, sorriu
Pedi a mão, não quis dar, fugiu
Bahia, terra da felicidade
Morena, eu ando louco de saudade
Meu Sinhô do Bonfim
Arranje outra morena igualzinha pra mim.
(*Na Baixa do Sapateiro*, 1938, v.1, p. 85)

Para melhor definir o que é e como aconteceu o processo de construção/invenção da baianidade foi preciso enveredar pelos caminhos da história e procurar entre as verdades pregadas o discurso que melhor se encaixa neste estudo, analisando-o tanto política quanto socialmente, no intuito de entender as estratégias empregadas na construção imagética acerca da identidade baiana. Pois é através do

flerte entre a História e a Literatura, que melhor entendemos o que se passou para formular os discursos como os conhecemos.

1.1 BAIANIDADE: O QUE É ISSO?

É difícil dizer no discurso de baianidade o que é apenas ficção e o que corresponde a Bahia real. Uma terra que serviu de “berço” ao Brasil e foi a sua primeira capital, não poderia se conformar em ser apenas mais um estado comum do tão mal falado nordeste brasileiro, ele deveria ser especial e brilhar para sempre. Nesse clima de “lugar singular” foi criado o projeto de promoção cultural da Bahia, visando aumentar o turismo e, concomitantemente, a economia do estado que passava por uma crise política e buscava se modernizar. Miguez (2002) traz uma fala que se encaixa perfeitamente dentro do discurso usado para elevar o estado à situação de “terra da felicidade”:

a cultura baiana é dotada de uma personalidade criativa rica e forte o suficiente para garantir-lhe a qualidade de pólo irradiador, de verdadeira usina sônica que tem inspirado largamente a cena cultural brasileira ao longo do tempo. Uma cultura tão rica e fortemente criativa que inscreveu a Bahia no universo mitológico do Brasil. Sim, a Bahia é um mito que habita o imaginário nacional. Antigo, mas sempre renovado, atualizado, ele tem estado sempre presente nestes já quinhentos anos da aventura brasileira (MIGUEZ, 2002, p. 45).

Na década de 1960, sob as garras da ditadura, é nomeado para prefeito de Salvador um ambicioso deputado federal. Surgia na história da Bahia Antônio Carlos Magalhães (ACM), que mais tarde foi governador e construiu o mais longo e quase hegemônico domínio político de direita na Bahia. Nesse período, ACM realizou o que ficou conhecido como *milagre econômico* e projetou a Bahia com a ajuda de artistas, intelectuais e a mídia em geral, para o centro das discussões. Entretanto a Bahia deixa de ser apenas a ex-capital do Brasil e passa a figurar como a “Terra da felicidade”, a mais nova maravilha turística do país.

Neste contexto, a permanência no poder de um grupo político único, liderado por Antônio Carlos Magalhães, foi determinante para a legitimação desta identidade. A associação da cultura local ao turismo é iniciada em 1971, com a criação da Bahiatursa e Emtursa e com o

primeiro governo de Antônio Carlos, vai ser desenvolvida de fato durante toda a década de 90 até o ano de 2006, sob a condução administrativa do mesmo grupo. [...] A criação da Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia(1995), os governos do mesmo grupo (ACM, 1991/1994; Paulo Souto, 1995/1998; César Borges, 1999/2002; Paulo Souto, 2003/2006), bem como o alinhamento dos meios de comunicação de massa locais - particularmente a Rede Bahia, retransmissora da Rede Globo e de propriedade da família Magalhães - ao discurso de baianidade, consolidou o projeto identitário, uma baianidade turística (NOVA; FERNANDES, 2008).

Esse *milagre econômico* é fruto do projeto para elevar a política e a economia local que, segundo Vasconcelos (2011), aconteceu no início do século XX quando a Bahia passava por uma séria crise econômica e política, o que a atrasou no processo de industrialização, e conseqüentemente a ausência de um projeto político dificultou ainda mais a sua inserção entre os demais estados desenvolvidos. Para mascarar tamanha falta de estrutura política e a crise em que se encontrava, foi construída uma nova imagem que explorava apenas as belezas naturais, a alegria, a sensualidade, as marcas da cultura africana presentes na religião, comidas e danças. Esse projeto para alavancar o status e a economia baiana foi construído tanto pelos baianos, como por turistas brasileiros e estrangeiros. É a baianidade que surge no cenário brasileiro para definir as características do modo de vida dos baianos e conta com o apoio da mídia para se propalar pelo Brasil e o mundo. Mas afinal o que é baianidade?

[...] A baianidade foi construída através de uma estratégia imagético-discursiva que a colocou como algo à parte, *sui generis* [...] Aparecendo no imaginário nacional e internacional como sendo a terra da felicidade, um lugar diferente, místico e sensual, um caso à parte do Nordeste e, mais ainda, um caso à parte no Brasil. Uma imagem que de certa forma foi se organizando tanto de dentro para fora como de fora para dentro (VASCONCELOS, 2011, p. 90).

Muitos estudiosos discutem o que é baianidade e, até o momento, o que tem acordado é que esse é um assunto complexo e amplo. Moura (2001), a definiu como um discurso que se adapta às representações simbólicas e estéticas criadas por pessoas influentes do meio social e político de baianos e não-baianos, que decidem o que deve ser lembrado ou não. Ou seja, é uma identidade inventada por “pessoas de nome” como intelectuais, artistas e políticos, que definem como querem que determinado elemento, no caso a Bahia, seja vista e lembrada. De acordo com Hall (2006), a “noção

sociológica” acaba por projetar em nós um modelo de como devemos ser e sem perceber acabamos por internalizá-lo.

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre ‘interior’ e o ‘exterior’ – entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os os ‘partes de nós’, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, ‘sutura’) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis (HALL, 2006, p. 11 e 12).

Segundo Vasconcelos (2011): “A baianidade pode ser pensada como a representação de um modo de vida idealizado, dotado de características peculiares que se diferenciam do resto do Brasil”. Ao pensarmos assim, percebemos o quanto a Bahia destoa do restante da Região Nordeste. O nordeste que tem principal característica o sertão. O sertão neste sentido é compreendido por nós como o ambiente de uma cultura singular e o espaço geográfico caracterizado é vasto, presentificando-se assim numa diversidade de culturas dentro do tema maior. Neste sentido, as ideias propagadas a respeito da baianidade e a peculiaridade dos seus sujeitos, não se enquadram nesta característica sertaneja que perpassa a imensa extensão territorial interiorana.

Diante disso, é válido ressaltar que, nos moldes estereotipados do povo baiano e de suas formas de vida, o indivíduo pertencente ao estado, mas residente nas cidades/recantos do interior, não possui o perfil de malandro preguiçoso e da mulher fácil (muito pelo contrário, haja visto que dentro do panorama aqui abordado o sujeito do interior foge do perfil traçado, pois mais se assemelha ao sertanejo labutador, que trabalha incessantemente todos os dias do ano). Compreende-se ainda na análise em questão, que o homem/mulher sertaneja é o típico perfil de indivíduo que possui nos mais diversos lugares que habitam, as características e peculiaridades de um povo simples e trabalhador, cultivados na preservação/herança dos citados bons costumes.

A população afastada do litoral, ou seja, aquela do interior, do Sertão, principalmente a do Semi-Árido baiano, pouco se identifica com o estilo de vida litorâneo: a culinária, a economia marítima e as festividades religiosas, as manifestações culturais não têm o mesmo significado, pois são diferentes as lógicas, as noções de tempo e de

espaço e certos valores de convivência (VASCONCELOS, 2011, p. 29).

Creemos que é válido expor aqui a nossa origem e formação tipicamente interiorana baiana. Pois, nascidas em famílias sertanejas, filhas de lavradores, que entoam na lida diária o compromisso com a batalha da sobrevivência, da derrama de suor para comprar o pão de cada dia. Dentro das respectivas atividades de cada um, tanto baianos como baianas, exalam no trabalho diário o compromisso com o bem viver a partir do trabalho e da busca por dias menos difíceis, não sendo possível assim de modo algum, equiparar-se a sequer um traço da baianidade “soteropolitana” e do Recôncavo que carrega como mote idealizante a predisposição festeira pelas madrugadas afora como bem ilustra Amado em suas obras, Dorival Caymmi em suas músicas, Pierre Verger nas suas fotografias e Carybé em suas gravuras. Desse modo, muitos baianos não se encaixam dentro do perfil traçado pela baianidade divulgada pela mídia como Moura afirma:

Chamo baianidade a um quadro de referências de um modo de ser baiano, cujas origens remontam ao século XIX. Foi se desenvolvendo no plano da mídia - sobretudo da música - e da literatura, e alcançou o máximo de cultivo entre os anos 80 e 90. Encontra-se hoje em refluxo. Baseia-se na caracterização do modo de ser baiano sobre três pilares: a religiosidade, a sensualidade e a familiaridade. Convencionalmente, a baianidade se refere a Salvador e o Recôncavo (MOURA, 2011).

Dessa maneira, afirmar que o termo baianidade é a forma correta ou apropriada para expressar o estilo de vida da Bahia de um modo geral é o mesmo que afirmar que o Brasil se resume apenas ao samba e futebol. Portanto, como pode a Bahia, sendo tantas, ser representada apenas por uma, a Bahia da baianidade? A mídia mostra a Bahia e baianos que corresponde apenas a uma pequena parte do povo que compõe esse enorme estado, os indivíduos de Salvador e do Recôncavo.

Entretanto, essa imagem é tida pela maioria da população brasileira e, também por muitos estrangeiros, como a única Bahia existente. Infelizmente, até mesmo muitos baianos acreditam e divulgam essa imagem construída e estereotipada como a imagem real da Bahia. A verdade é que muitos baianos assistem esse discurso e o internalizam como verdadeiro, passando a divulgar essa ideia para não se sentirem marginalizados da

cultura do seu estado. Porém, nem todos agem dessa forma e, se sentem marginalizados por não se encaixarem dentro dos moldes de vida baiana ditados pela mídia.

A baianidade foi arquitetada tanto de dentro para fora quanto de fora para dentro, não foram poucos os baianos que contribuíram/contribuem para a construção e permanência desse discurso cheio de equívocos. É como nos diz Roberto Albergaria:

[...] somos baianos quando nos convém, quando não convém, somos homem, mulher, ocidental, ser humano, vivente se for ecologista. A identidade baiana é sempre parcial e minoritária. Mas, no mundo da hipermídia, da indústria cultural, da cultura do entretenimento, ela é conveniente (ALBERGARIA *apud* VASCONCELOS, 2011, p.28).

Tendo-se consciência que a Bahia que é apresentada não corresponde a todas as Bahias, o que torna essa imagem tão forte a ponto de ser disseminada por gerações? Segundo Antony Giddens (1990) o que mantém uma imagem nas sociedades é a tradição:

Nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes (GIDDENS, 1990, p. 37-8).

Portanto, acreditamos que a tradição mantida pelas sociedades baianas, tornam o discurso de baianidade mais forte, de modo que o mesmo vem sendo disseminado desde meados do século XIX e a cada dia ganha mais evidência, tendo maior destaque a partir do século XX. Ainda que a Bahia se proclame um estado contemporâneo, essas “tradições” alimentam a fala de homogeneidade e servem como embasamento para sustentar alguns estereótipos que foram se edificando como um efeito colateral do projeto para reerguer o estado da Bahia, o projeto mercadológico da baianidade. Essa imagem se propaga com a ajuda dos meios midiáticos que além de difundirem esse discurso de acordo com a sua percepção, exageram em alguns pontos e acabando por (des)configurar uma imagem que já foi inventada.

1.2 ESTEREÓTIPOS, PRÉ-CONCEITOS E PRECONCEITOS

Ao ligar a televisão conhecemos diversas culturas. Algumas muito diferentes das outras, cada uma com suas peculiaridades e especial no seu modo de ser. Há sempre

aquelas com as quais nos identificamos mais e, por isso, nos interessamos por elas. Existem também outras que são muito diferentes e nos causam certo estranhamento. Ao passear de canal em canal encontramos vários tipos de programas que nos mostram de maneira diversificada essas culturas, alguns jornalísticos, outros religiosos, e os campeões audiência, os de entretenimento como: os esportivos, de beleza e moda, culinária, relacionamento, música, humor, etc. e, todos têm por objetivo prender a atenção dos telespectadores. Os programas de entretenimento, por existirem muitos atualmente, precisam inovar bastante. Como uma forma de inovar eles estão abusando no humor, abrindo muito espaço para os “novos talentos” que contam piadas sobre: loiras, negros, gays, portugueses, futebol, beleza e, nunca pode faltar, nordestinos (que na maioria das vezes são generalizados a “baianos”).

O que também está seguindo a mesma receita que esses programas são os enredos das novelas, mas essas se prendem mais à exploração da imagem criada em torno dos nordestinos. Sintonizar a TV em horário nobre em determinadas emissoras é possível ver o drama ou a excentricidade dos nordestinos/baianos. Afinal, quem nunca assistiu a uma novela que mostrasse a vida sofrida de uma nordestina? Quem nunca ouviu aquele sotaque forçado dos nordestinos “arretados” em novelas, seriados e filmes? Ou não viu o sorriso aberto e o rebolado das mulatas faceiras? Da alegria e a predisposição dos baianos às festas? A malandragem dos baianos preguiçosos que sempre acham uma pessoa a quem explorar? Do povo protegido por orixás, filhos de santos? E quem nunca ouviu falar na seca, na fome que assola aos pobres nordestinos?

Pois é, o Nordeste que conhecemos pela televisão nos leva a pensar que esse é um lugar abençoado e amaldiçoado ao mesmo tempo. Por quê? Ora, um lugar de tamanha beleza natural, de um povo de alegria excepcional, ser aterrorizado pela fome e a seca, é mesmo algo irreal. Mas será mesmo verdadeiro esse Nordeste mostrado com tanta ênfase pela mídia? É esse povo tão especial que, apesar de sofrer tanto e enfrentar tanta miséria, vive com o sorriso no rosto, o samba no pé e o peito cheio de alegria para festejar o ano inteiro? Serão válidos todos esses discursos ou a repetição de uma identidade irreal construída a partir de uma imagem extremamente ambivalente, idealizada de fora para dentro? E se são recortes da realidade, dentro de uma região tão grande e rica culturalmente, qual o porquê da escolha de Salvador e Recôncavo baiano para representar não apenas a Bahia, mas todo o nordeste brasileiro?

Os estereótipos veiculados na televisão são bem diferentes daqueles formatados aqui. Trata-se de tipos muito grosseiros, como de personagens do Cassetta e Planeta ou, às vezes, de Zorra Total. Não têm a ver com a baianidade tal como dita pelo Carnaval de Salvador, ou por artistas como Dorival e Jorge. Seria um equívoco colocar tudo isto junto. A baianidade dos anos 80 exalta o ser baiano, faz apologia de nossa sensualidade, de nosso ritmo, de nossa inteligência. A televisão dos programas chamados "nacionais" faz um debique preconceituoso com relação a tudo que não é o brasileiro considerado "central". Isto acontece também com outras regionalidades (MOURA, 2011).

O que podemos perceber na análise do discurso existente acerca do Nordeste e da Bahia é, de acordo com Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2001), a “estratégia da estereotipização”, ou seja, um discurso formado a partir de estereótipos. O que vemos é a divulgação de uma imagem construída pelos “Guardiões da História Oficial” como nos diz Lilia Schwarcz (1993, p. 99), os quais decidiram criar uma identidade exagerada, que foge muito ao que o Nordeste e a Bahia são realmente. Um discurso que descreve a cultura de um povo de acordo com a visão de alguns grupos sociais, na qual alguns mostram a cara da miséria e os outros mostram a *Terra da Felicidade*, como canta Ary Barroso em *Na Baixa do Sapateiro* (s/d).

Mas o que são estereótipos? Walter Lippmann (1922) define estereótipos como imagens intelectuais estabelecidas a partir dos princípios morais do indivíduo com a função de estruturar o enredamento do mundo real. Já Albuquerque (*op. cit.*) compreende estereótipo como “uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo”. Albuquerque ressalta que essa mesma fala não parte de um discurso mentiroso, não é criada no vácuo, ela é inventada a partir de uma concretude do elemento observado e se torna realidade ao ser subjetivado por quem é estereotipado. No discurso estereotipado, todos aqueles que não se encaixam dentro dos padrões são considerados “anormais” e qualificados, automaticamente, como inferiores. Daí parte a ideia de que estereótipos geram preconceito.

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, repetitivo, é uma fala arrogante, uma linguagem que leva à estabilidade acrítica, é fruto de uma voz segura e auto-suficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras. O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas em nome

de semelhanças superficiais do grupo (ALBUQUERQUE, 2001, p. 20).

Dessa forma, o Nordeste e a Bahia das novelas e minisséries se resumem ou são pautados por estereótipos, não correspondendo verdadeiramente à realidade, pois a Bahia não é apenas carnaval, mulata faceira e bons malandros para lhe engabelar, da mesma forma que nem todos no Nordeste se afligem com a seca, a miséria e a desolação. Há uma diversidade cultural e geográfica imensa em ambos. Porém, os estereótipos existentes são fundamentados a partir de uma imagem pré-formulada, que existiu e que ajudou a construir a ideia de *baianidade*, como foi discutido anteriormente. Thales de Azevedo (1981) nos diz que assim como o Brasil se divide em vários *Brasis*, a Bahia também é dividida em muitas *Bahias*. De acordo com Azevedo (1981), a Bahia, culturalmente, divide-se em seis:

Uma, Salvador e sua Baía de Todos os Santos, em torno da qual espalham-se as “terras gordas, de suaves colinas, de enseadas, de caudais, de pescadores e roceiros, de antigos senhores e escravos” do “Recôncavo barroco”. Outra, o sertão do Nordeste, “a vasta província das secas, da caatinga, do gado, das fazendas e dos vaqueiros, do misticismo messiânico, do cangaceiro antigo”. Outra mais, o Sudoeste “ocupado pela cultura e pela civilização do cacau”. Uma quarta, o planalto central, com as “lendárias Lavras Diamantinas”. A quinta, o vale do Rio São Francisco, “rota das migrações nordestinas para as terras roxas do sul”. E mais uma, o imenso Planalto ocidental com seus gerais estendidos na direção de Goiás (AZEVEDO, 1981, p. 17-18).

De acordo com Allport (1954), os estereótipos são uma espécie de crença exagerada e que, em muitos momentos, equivale ao preconceito. Esse é um dos motivos para os estereótipos manterem-se atuais. Marcos Joel de Melo Santos traz uma explicação interessante para esse fato:

Um dos motivos que explicariam o caráter “fixo” dos estereótipos seria a necessidade do indivíduo proteger a sua definição da realidade, a ponto de qualquer ataque aos estereótipos ser interpretado como um ataque às fundações do seu universo. Por este motivo, os estereótipos dificilmente seriam abalados por informações incongruentes com eles. qualquer ataque aos estereótipos ser interpretado como um ataque às fundações do seu universo. (SANTOS, 2006, p. 36).

O que observamos a partir de pesquisas é que os estereótipos não são criados apenas de fora para dentro como a maioria dos baianos que se sentem “vítimas” desse discurso acredita, mas há também a colaboração de baianos comuns, artistas, intelectuais, políticos, etc, como foi discutido anteriormente. Entretanto, ainda resta a dúvida: o que leva um grupo de pessoas, baseado em pré-conceitos, a construir uma imagem que pode gerar preconceitos? Tajfel (1982) aborda que há três funções psicológicas nos estereótipos. A primeira é criar certa casualidade social para o que não conseguem explicar. A segunda é legitimar ações em relação a determinados grupos. E a terceira, e que mais chamou nossa atenção, é a necessidade de possuir uma melhor imagem social em relação ao grupo externo. Através da repetição e da visibilidade excessiva de algum traço destacado como especial, é que os estereótipos se afirmam e produzem-se como verdades, sobre o povo ou indivíduo escolhido.

No discurso estereotipado todos aqueles que não se encaixam dentro dos padrões são considerados anormais e classificados, automaticamente, como inferiores. Dessa forma, fica evidente a relação entre discursos estereotipados e preconceitos. Contudo, mesmo havendo tantos pontos negativos na construção desse discurso acerca da Bahia, essa imagem continua a ser propagada e apregoada como a justamente por trazer alguns benefícios, os mesmos alcançados com o projeto de bainidade.

Dentro dessa perspectiva, vemos a partir da análise de *Os Pastores da noite*, o quanto o discurso construído acerca da Bahia cria uma áurea de mistério e sensualidade a que o leitor se sente intimado a conhecer. Nasce o desejo de verificar se o lugar místico é real ou apenas uma invenção.

2 A BAHIA DE AMADO

Um dos nomes mais influentes para a divulgação da baianidade e dos estereótipos baianos foi o mestre Jorge Amado. Mariano (2009) o descreve como o pioneiro em enxergar a beleza peculiar do povo da cidade da Bahia, em especial das baianas. Autor de obras famosas como *Gabriela, cravo e canela* e *Dona Flor e seus dois maridos*, *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água*, *Mar morto*, *Tenda dos Milagres*. Obras essas, publicadas em dezenas de idiomas. Elas tem em comum a característica da divulgação de um modo de vida peculiar das terras “Soteropolitanas”, da vida mole e livre, em que as pessoas vivem a perambular pelas ruas, bares, prostíbulos, círculos de jogos, cais, feiras a se reunir para uma boa prosa regada a mais barata cachaça, rodeado das mulatas mais faceiras e acessíveis. E nessa atmosfera cálida, a noite é um convite para o enlace harmônico das vivências, relações existenciais.

Caía a noite envolta em brisa docemente sobre as ladeiras, as praças e as ruas, o ar estava morto, uma dolência estendia-se sobre o mundo e as criaturas, uma quase perfeita sensação de paz como se já nenhum perigo ameaçasse a humanidade, como se o olho da maldade houvesse sido fechado para sempre. Era um momento de pura harmonia quando cada um se sentia feliz consigo próprio (AMADO, 1979, p. 21).

Desse modo podemos compreender como as descrições do autor de Pastores da Noite leva o leitor a embriagar-se desse misticismo presente nessa terra, nessa noite, nesse lugar e em suas múltiplas possibilidades.

Amado descrevia a Bahia como a vemos na mídia: cheia de festas e alegria, negros, prostíbulos, malandros, “mulheres fáceis” sempre disponíveis ao amor, comidas exóticas, a maioria do povo adepto ao candomblé, um lugar de beleza mística e única, a imagem do “paraíso” ou da felicidade. A Bahia narrada era/é uma das bases para a construção de muitos estereótipos existentes, como o da mulher que possui curvas ‘convidativas’ aos olheiros, que por ‘possuir’ tais características é passaporte para a contemplação amorosa dos pastores da noite. A mulher neste aspecto observacional/contemplativo é um mero objeto de desejo, daqueles que estão expostos nas calçadas como produtos a serem escolhidos a gosto de ‘cliente’, e ainda possuem

como mero valor sexual (são seios, pernas e bundas, nunca uma identidade feminina. Aliás, a identidade aqui é “coisificada”, é título de objeto de desejo, a de um anseio sexualizado). É importante frisar que antes de Amado essa descrição da baiana como mulata luxuriosa e detentora de toda a sensualidade e prazer, já aparece na literatura do século XIX no romance *O cortiço* (1890) de Aluísio de Azevedo, na figura de Rita Baiana. E isso podemos observar claramente em trecho do livro:

Naquela mulata estava o grande mistério, a síntese das impressões que ele recebeu chegando aqui: ela era a luz ardente do meio-dia; ela era o calor vermelho das sestras da fazenda; era o aroma quente dos trevos e das baunilhas, que o atordoara nas matas brasileiras; era a palmeira virginal e esquiva que se não torce a nenhuma outra planta; era o veneno e era o açúcar gostoso; era o sapoti mais doce que o mel e era a castanha do caju, que abre feridas com o seu azeite de fogo; ela era a cobra verde e traiçoeira, a lagarta viscosa, a muriçoca doída, que esvoaçava havia muito tempo em torno do corpo dele, assanhando-lhe os desejos, acordando-lhe as fibras embambedidas pela saudade da terra, picando-lhe as artérias, para lhe cuspir dentro do sangue uma centelha daquele amor setentrional, uma nota daquela música feita de gemidos de prazer, uma larva daquela nuvem de cantáridas que zumbiam em torno da Rita Baiana e espalhavam-se pelo ar numa fosforescência afrodisíaca (AZEVEDO, 1997, p. 67).

Dentre os muitos livros produzidos pelo célebre Amado, escolhemos para análise nesse trabalho o livro *Os pastores da noite*, não apenas por esse apresentar todos os estereótipos que citamos anteriormente, mas também pela história do mesmo, sendo uma obra traduzida para dezessete idiomas. O livro começou a ser escrito no final de 1963, foi lançado em 1964. Em 1975 a narrativa tornou-se mais conhecida com o filme *Os pastores da noite*, dirigido pelo francês Marcel Camus. Em 1995 a segunda parte do romance, *O compadre de Ogum*, ganhou existência independente e, logo depois foi adaptada para um especial de TV da rede Globo e passou a ser editada como livro separado. Em dezembro de 2002, a Globo apresentou a minissérie *Pastores da noite*, em quatro episódios (que serão analisados nesse estudo).

Entre os muitos estereótipos criados em torno da Bahia e expostos no livro, elegemos para análise os de mulher fácil (prostituta), do bom malandro (vagabundo) e do candomblé como manifestação religiosa. Esses estereótipos não foram escolhidos ao acaso, mas sim a partir de uma das obras do mestre baiano Jorge Amado, uma obra que, evidenciaremos no decorrer desse trabalho, dá suporte à criação da imagem

estereotipada da Bahia. Como personagens para representar esses estereótipos escolhemos o *cabo Martim*, *Marialva* e o *negro Massu*.

O ser baiano na obra *Pastores da noite* está claramente dissociado do ser baiano interiorano aqui caracterizado como sertanejo. Existe a explícita diferenciação entre esses dois seres que claramente são classificados como sendo sujeitos opostos. Nesse trecho do livro o autor nos traz uma aberta evidência da aparição de Martin e do modo como foi recebido pelo sertanejos.

Mas, solitário em Cachoeira, pensando nas festas da Bahia, deparou com Marialva, o decote do vestido mostrando a pinta negra no ombro esquerdo. Capitulou. Os sertanejos estavam vingados. Por causa de uns sertanejos mal-agraçados tivera de partir para o Recôncavo precipitadamente. A polícia estava a procurá-lo e os tiras, cuja antiga antipatia por Martim crescera na proporção da generosa gorjeta dada pelos sertanejos, estavam dispostos a levá-lo de qualquer maneira e a mantê-lo uns bons tempos fora de circulação (AMADO, 1979).

Neste sentido compreendemos o sertanejo (homem interiorano baiano) como aquele que vinga a honra ferida, que tira a “ousadia” do “cabra” malandro, bem diferente do contexto permissivo/solícito exposto na cidade de Salvador. Portanto, a relação estabelecida sobre os sujeitos baianos em questão aparecem intimamente opostas, tanto na personalidade bem como na caracterização de ações e caráter. Sendo o “baiano” o cabra atrevido, que não resiste a uma mulher bonita envolvendo-se sempre em confusão por causa de sua personalidade canalha/“raparigueiro”. Há também o baiano sertanejo que é percebido como o ‘cabra’ macho que lava honra, que respeita para ser respeitado, ignorando assim aos instintos carnais do homem malandro.

2.1 AMADO JORGE! SALVE JORGE!

Jorge Leal Amado de Farias nasceu no dia 10 de agosto de 1912, na fazenda Auricídia, no distrito de Ferradas, em Itabuna, sul da Bahia. Filho primogênito de D. Eulália Leal e do fazendeiro de cacau João Amado de Farias, irmão de Jofre (1915), Joelson (1920) e James (1922). Jorge Amado começa a escrever cedo, alfabetizado pela

mãe, começou a frequentar a escola em 1918 e em 1922 cria uma espécie de jornalzinho chamado *A Luneta*.

Logo ao iniciar no mundo erudito chamou atenção pelo empenho e a facilidade com que escrevia e como despertava o interesse daqueles que com ele convivia e, dessa forma, com o apoio do Padre Luiz Gonzaga Cabral, ele enveredou no caminho “viciante” do mundo das letras.

Quando Jorge Amado publicou seu primeiro romance, *O país do carnaval*, em 1931, era só um rapazote de dezenove anos de idade. O livro conta a história de um jovem, Paulo Rigger, perplexo diante das dificuldades do mundo e ainda indeciso quanto ao caminho a tomar. Reflete, com nitidez, a alma agitada e inquieta do jovem Jorge, que, desejando entregar-se à literatura, se sentia desorientado e escrevia para dar ordem a essa confusão (CASTELLO *apud* GOLDSTEIN; SCHWARCZ, 2009, p.13).

Em 1932 ele escreve *Cacau*, nessa história começa a se desenhar uma das características de suas obras o sincronismo entre a memória pessoal do autor e a imagem que vemos do Brasil. Seguindo esse mesmo estilo, ele lança *Suor* (1934) e mais uma vez ele traz elementos da sua história à trama, pois ainda na adolescência ele viveu em casarões no pelourinho. Acreditamos que falar do seu país e não citar um pouco de si, não colocar elementos pessoais numa história é o mesmo que querer negar sua existência e, Amado se considerava brasileiro demais e amava muito o seu país para se colocar à parte da sua história. Em 1935 é publicado *Jubiabá* e *Mar Morto*, em 1936 (entre as perseguições).

[...] o romance *Mar morto* é outro exemplo da relação íntima entre Jorge Amado e nosso país. Cada vez que escreve sobre si, ele escreve sobre o Brasil. Cada vez que retorna às lembranças íntimas em busca das conexões perdidas no passado, são fios da vida brasileira que puxa para perto de si. [...] Nesse livro, a imagem destemida do homem brasileiro se engrandece ainda mais. Ele agora não é só um lutador, mas um homem que — como o herói Guma, que se afoga no mar — se aproxima do mito (CASTELLO *apud* GOLDSTEIN; SCHWARCZ, 2009, p.14).

Em 1936 Amado e muitos intelectuais da época, entre eles Graciliano Ramos, são perseguidos pelo governo de Vargas. Todos que eram tidos como comunistas, esquerdistas e opositores ao governo foram caçados, espancados e presos. Nesse

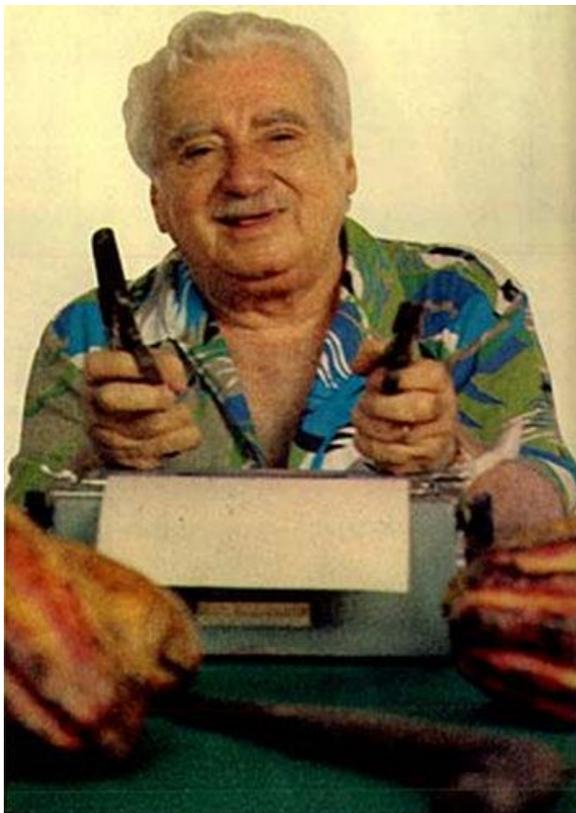
momento, o escritor sofre um duro golpe: é preso e tem seus livros queimados em praça pública. De acordo com Luiz Gustavo Freitas Rossi (2009) em *A militância política na obra de Jorge Amado*, em que ele apareceu no cenário intelectual em uma época de grande agitação política da sociedade brasileira, pois se começava a sentir os primeiros efeitos das mudanças provindas da Revolução de 1930. Com apenas 20 anos de idade Jorge se aproxima do Partido Comunista Brasileiro e passa a usar suas obras para veicular mensagens da militância política.

Nesse primeiro momento de seu engajamento, que abrange toda a sua produção da década de 1930 — com exceção da obra de estreia, *O país do Carnaval* (1931) —, Amado resolveu os encargos ideológicos de sua arte dando vida a uma escrita de forte inspiração soviética, a qual ficou conhecida como **romance proletário**. Um tipo de romance que, antes de qualquer coisa, devia retratar o universo existencial dos grupos mais baixos na hierarquia social e cujo estilo narrativo se aproximava bastante do modelo inflamado dos manifestos e panfletos políticos, uma vez que tinha explícitas intenções doutrinárias [...] (ROSSI *apud* GOLDSTEIN; SCHWARCZ, 2009, p. 25).

Entretanto, de acordo com Júlia Monnerat Barbosa (2010), mesmo com a perseguição e a prisão, *Mar Morto* (1936) chega às prateleiras e com ele o autor ganha o Prêmio Graça Aranha, da Academia Brasileira de Letras. Barbosa (2010) afirma também que muitos autores que tinham seus nomes envolvidos com o movimento de esquerda e tinham suas obras voltadas para a revisão da identidade nacional, acabaram por se “beneficiar” com a perseguição de Vargas, pois “tal situação teria contribuído para que esses escritores, sobretudo Jorge Amado, conquistassem maior visibilidade nacional” (BARBOSA, 2010, p. 332).

Jorge Amado é um dos ícones da história brasileira. Conhecido não apenas no Brasil, mas em mais de cinquenta países é responsável por apregoar a cultura brasileira, em especial a baiana. Com seu jeito humilde e sorridente, suas roupas coloridas, o seu modo que expressava vida em cada gesto, representava o típico brasileiro feliz. De acordo com José Castello (2009), para Jorge Amado escrever tinha que ser antes de tudo uma aventura, algo gostoso de fazer, sem se prender a muitas regras ou exibir muita erudição, sem se preocupar em demonstrar nobreza intelectual, a literatura tinha que ser simples e tão saborosa quanto uma brincadeira ou doce. “Para Jorge, os escritores podiam ser tudo, menos literatos. Literato é o homem letrado e que gosta de exibir erudição, ele pensava. Jorge, ao contrário, era apenas um homem que gostava de

escrever. Dizia ser um escritor e mais nada.” (CASTELLO *apud* GOLDSTEIN; SCHWARCZ, 2009, p.13)



Fotografia 1 - Jorge Amado 1984 –
Fonte: Balaio do Carl Ole.)

É inegável a importância de Amado para a construção da identidade do Brasil e da Bahia. Com um olhar aguçado ele contava em seus livros a história do seu povo misturando em muitos momentos ficção com realidade, seus personagens carregavam os traços, e muitas vezes os nomes, de pessoas com quem o escritor convivia. Muitos afirmam que ele não escrevia apenas livros, mas sim um país. Autor de quarenta obras lidas em cinquenta e cinco países e quarenta e nove idiomas, ele é o responsável por expor o sofrimento e alegria do povo simples, das injustiças, da violência, das péssimas condições de vida a que esse povo é submetido. Mas também é responsável por narrar a alegria, a força, a festança que esse mesmo povo faz sempre que há oportunidade, o ritmo que se confunde à batida do coração e que não deixa o pé parado, o cheiro da comida que entranha nas narinas e assanha o estômago, a sensualidade e o gingando que só os brasileiros tem.

Ao se inventar como escritor, Jorge Amado reinventou o Brasil. A partir dele não podemos mais pensar em nosso país sem as cores e o sensualismo, a mestiçagem e o sincretismo, a fibra e a alegria que norteiam suas narrativas. Nós, que nascemos a partir da metade do século xx, somos filhos e herdeiros dessa literatura. Somos, de alguma forma, seus personagens também. Se o Brasil tem um autor, ele se chama Jorge Amado (CASTELLO *apud* GOLDSTEIN; SCHWARCZ, 2009, p.19).

Seus livros levam a milhares de pessoas a energia, o suingue, a força e o ritmo do povo que Amado conheceu intimamente e amou. A religião que defendia por ousar ser diferente dos modos pregados; a cultura marginalizada por fugir aos moldes traçados pela hegemonia de uma minoria ditadora que acredita ser detentora do poder; o suor do povo humilde que batalha e nem sempre vence, povo que é esmagado e amordaçado enquanto luta para sobreviver e, que ainda ousa ser feliz. Jorge Amado é a voz de um país, de uma nação.

Além dos livros já citados, foram publicados também *Capitães da Areia* (1937), *ABC de Castro Alves* (1941), *O Cavaleiro da Esperança: a vida de Luís Carlos Prestes* (1942), *Terras do sem-fim* (1943), *São Jorge dos Ilhéus* (1944), *Bahia de Todos os Santos* (1945), *Seara vermelha* (1946), *Homens e coisas do Partido Comunista* (1946), *O amor de Castro Alves* (1947), *O mundo da paz* (1951), a trilogia *Subterrâneos da liberdade* (1954), *Gabriela, cravo e canela* (1958), *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* (1959), *Os Pastores da Noite* (1964), *Dona Flor e seus dois maridos* (1966), *Tenda dos Milagres* (1969), *Tereza Batista cansada de guerra* (1972), *O gato malhado e a andorinha Sinhá* (1976), *Tieta do Agreste* (1977), *Farda fardão camisola de dormir* (1979), *O menino grapiúna* (1981), *A bola e o goleiro* (1984), *Tocaia Grande* (1984), *O sumiço da santa: uma história de feitiçaria* (1988), *Navegação de cabotagem* (1992), *A descoberta da América pelos turcos* (1994) e *O milagre dos pássaros* (1997).

E dentro dentre esses escritos que visam expor de algum modo as minorias, não com o intuito de ridicularizar, mas sim de mostrar que existem e que sobrevivem a todas as adversidades possíveis a existência humana, destacamos *Os Pastores da noite*, livro esse que conta e consta de características ímpares de sujeitos perambulantes, andantes, cavalheiros companheiros dos seus, cachaceiros com um único intuito: a curtição da vida, mesmo que ela esteja relegada a bordéis e balcões de bar. Composto de um cenário peculiar desde o centro histórico (Pelourinho), feiras, cais, botecos, ladeiras,

becos e castelos os pastores viajam na vida, sorrindo e chorando, cada um no seu ofício, expressando em cada gesto a alegria de ser baiano:

[...] triste do brasileiro que não tenha dentro de si algumas coisas de baiano. E não só de urbanidade baiana; não só de polidez baiana; não só de gentileza baiana; não só de civilidade baiana; não só do bom gosto baiano; não só de religiosidade baiana; não só de ternura baiana; não só de civismo baiano; não só de inteligência; mas também alguma coisa de malícia, de “humor”, de gaiatice compensadora dos excessos de dignidade, de solenidade e da própria elegância (FREYRE, 1990, p. 10-1).

E nesse aspecto entendemos a mágica descrita, as características expressas revelam um típico perfil, um modelo, uma definição que acaba por perfazer na construção da identidade de um povo: aqui existe a gaiatice, a malícia, os excessos, o bom gosto, a religiosidade e tantos outros caracteres elencados.

Portanto, Jorge imprime em sua literatura o sujeito baiano, aliás os sujeitos marginais, homens e mulheres que desembocam de qualquer lugar para a cidade da Bahia/Salvador, em busca de uma forma de vida, fugindo ou se endireitando-se na vida, enchendo-se de porres (cachaças e mulheres), amando as noitadas cavalheiras, vagueando pela mesas de jogo para ganhar os tostões da feira ou a rodada de pinga presenteada aos amigos. E é dessa Bahia soteropolitana que surgem as máximas, os estereótipos, pois este foi apenas um dos modelos (e quem sabe o mais louvado) tomado como fiel/real/autêntico. Mas, por essas terras, a identidade em questão é múltipla mesmo ao se falar em baianidade, pois como haverá de ser exposto: os baianos se escondem por mais além dos cais e vielas de São Salvador.

E é essa Bahia singular (representativa de um estado e talvez de um país) contada na sua intimidade que debruçamos ante a obra em questão. Uma nação com nome, com cores, gestos e gingados, lugar de sorrisos abertos, corpos possíveis/dançantes, sabores exóticos e quase míticos, essa é a cidade que Martim (um dos personagens) e seus mais fiéis companheiros (Jesuíno, Pé-de-vento, Curió, Ipicilone, Cravo na Lapela, Negro Massu, Galo Doido) desfilam suas existências alegres e vis, Marialva com sua escultura sedutora e estonteante, Tibéria e seu castelo de meninas/mulheres e todos os enlaces e tramas que couberam na obra.

2.2 OS PASTORES DA NOITE NA “INVENÇÃO” DA BAHIA

Escrever sobre literatura é uma tarefa árdua, talvez embriagadamente astuta por assim dizer. Ler prefácios literários é querer-se questionar a respeito das desbravaduras da escrita, é sentir a embriaguez presente na obra e em seus personagens e, por que não dizer, em todos os seus devaneios altamente factuais e/ou ficcionais? Em *Os Pastores da Noite*, obra escrita em 1964, Jorge Amado nos faz percorrer caminhos tortuosos, subir ladeiras e vaguear pelo cais. Faz do leitor uma viajante sonhador, que busca em cada novo parágrafo a fonte de enredos e tramas que perfazem a estrutura quase surrealista da cidade de Salvador e suas mais perfeitas irregularidades; é buscar em cada beco a ‘pousada’ para a cachaça, alimento da prosa em cada boteco, dos encontros, das parcerias.

No discurso literário e extraliterário de Jorge Amado, a mestiçagem biológica e cultural — sobretudo entre portugueses e africanos — funcionava como uma espécie de eixo em torno do qual foram se agregando outras características do Brasil, entre as quais o otimismo e a garra do povo, mesmo em meio à miséria e ao sofrimento; a predominância da amizade e da solidariedade nas relações cotidianas e a presença do “jeitinho” brasileiro como estratégia de sociabilidade; a valorização da festa e a exaltação dos cinco sentidos; e a riqueza e a originalidade de nossa cultura popular, que faz que ela sirva de inspiração para as criações eruditas (GOLDSTEIN; SCHWARCZ, 2009, p. 63).

Os ambientes genialmente arquitetados por Amado faz de *Pastores da Noite* a transcendência da plenitude existencial do ser humano, que acompanhado por um grupo de amigos perambula por rumos incertos na noite e dia da ‘magia’ oásis baiana. Nestes espaços que se fazem protagonizar o Pelourinho como seio/referência dos acontecimentos ali testemunhados, Martim e suas sinceras amizades de bares e bordeis, transportam o leitor para um imaginário idealisticamente criado e realisticamente visto (frestas reais que aqui em análise são tomadas e configuradas como noções maiores e hegemônicas de um povo, de uma terra), oriundo dos mais atenciosos olhares ao cotidiano soteropolitano vivido pelo maior escritor baiano.

Na apresentação da obra o autor nos faz de modo breve e enfático perceber por quais caminhos vamos percorrer com/em *Pastores da Noite*. Em seu convite introdutório, ele nos apresenta a cena inicial que transborda todo o tecido

permissivo/livre dos Pastores. Podemos perceber que a noite, as mulheres, as cachaças, a situação econômica parca e as companhias fazem da existência momentânea a plenitude do ser e seu ambiente de vivências:

Pastoreávamos a noite como se ela fosse um rebanho de moças e conduzíamos aos portos da aurora com nossos cajados de aguardente, nossos toscos bastões de gargalhadas.[...] Em cada ladeira um ebó, em cada esquina um mistério, em cada coração noturno um grito de súplica, uma pena de amor, gosto de fome nas bocas de silêncio, e Exu solto na perigosa hora das encruzilhadas. Em nosso apascentar sem limites, íamos recolhendo a sede e a fome, as súplicas e os soluços, o estrume das dores e os brotos da esperança, os ais de amor e as desgarradas palavras doloridas, e preparávamos um ramallete cor de sangue para com ele enfeitar o manto da noite (AMADO, 1979, p. 13).

Diante desse trecho o leitor é conduzido a um universo em que a magia noturna, perfaz a imaginação festeira dessa terra de homens livres, que vivem em plenitude cada gole de cachaça, cada noite como/com a mulata faceira em sua sensualidade inebriante permissiva. É na companhia dos amigos, fiéis escudeiros de cada esquina e bar, que Martin vagueia, passeia e goza a sua embriaguez, que contagia aos olhos e suores de todos aqueles doces e confieis andantes homens. O discurso transporta o leitor ao processo da degustação solta e mole, é numa linguagem convidativa acerca da noite e as suas mais perfeitas peripécias que parte da obra é construída. A dama noturna é a personificação da mulher com ancas roliças e rebolonas, que brinca no seu caminhar, carregando consigo os olhares embriagados dos seres andantes, e eles se embriagam com seus fetiches, seu negrume que encobre com seu manto os mais cálidos segredos.

Sentava conosco nos botequins mais alegres, donzela do estrelado negro. Dançava o samba de roda com sua saia dourada de astros, requebrando as negras ancas africanas, os seios como ondas agitadas. Brincava na roda da capoeira, sabia os golpes dos mestres e até inventava, inventadeira danada, desrespeitadora das regras, noite mais brincalhona! (AMADO, 1979, p.13).

O movimento noturno é quase um enlace sexual, um enroscar de pernas, ou seja, a noite é retratada na obra como uma mulher que se permite mergulhar, brincar e usufruir de todas as suas possibilidades navegantes e não transparentes. Cada rua deserta é um convite para o mergulho desbravador da curtição, das andanças, das farras e suas mais finitas plenitudes. Neste universo caracteristicamente mágico pela escrita

Amadiana, a noite é apenas uma das possibilidades do viver, e esse viver é regado por prazeres possíveis mesmo diante das poucas condições econômicas. Eles bebem juntos, dividem cada porre, cada gole, cada gota de modo pleno, os seres envolvidos são quase almas, se assim não fossem homens vivos. A amizade entre os pastores faz da existência de cada um o convite à vida e ainda mais se for a vida noturna.

O texto elege em Martim o homem forte e viril, o conquistador que possui aos seus pés as mulheres mais desejadas. Ele carrega consigo o fetiche quase fantasmagórico do soteropolitano ‘nato’, o de namorador. O personagem é intitulado/construído nos moldes “idealizantes” do sujeito baiano culturalmente estabelecido, o bom farrista, “pegador”, o “cara” que enfeitiça as mulheres e que deixa que o encanto.

Sua fama de jogador, de malandro, de conquistador sem rival, de inconstante coração, precedera Martim pelas cidades do Recôncavo. Falava-se dele nas ruas de mulheres, nos botequins pobres, nas feiras, antes de seu desembarque em Cachoeira. Da cidade onde ia passando as notícias chegavam traçando seu perfil, inquietando corações. [...] Ele dormia com uma e com outra, não se afeiçoava a nenhuma, curto era o tempo de seu interesse (AMADO, 1979, p.70).

Martim é a personificação do bom malandro, o jogador trapaceiro e irresistível, o homem que nunca entra numa briga para perder e sempre tem um “jeitinho” para resolver tudo. Esse personagem é típico das obras de Amado: em *Dona Flor e seus dois maridos* ele é representado por *Vadinho*; em *A morte e a morte de Quincas Berro D'água* ele aparece em *Quincas*; em *Tenda dos milagres* temos *Pedro Arcanjo*, que apesar de não seguir inteiramente esse perfil de malandro inveterado, não deixa de ser um boêmio, conquistador. A imagem que criamos a partir da leitura do romance é retratada no filme *Pastores da noite* (1975). O filme ilustra perfeitamente tudo que é dito pelo autor, é uma versão fiel da obra. Vemos na fotografia abaixo, a ilustração do personagem aqui analisado sempre disposto a farras e jogos, figura indispensável em qualquer festa com seu sorriso aberto e samba no pé. Pois, de acordo com Tibéria (dona do Castelo que Martim frequentava) as noites da Bahia ficaram tristes e não possuíam a mesma graça, sem aquele moço cobiçado, por camaradas, putas e donzelas, “sem Martin não há animação verdadeira”.



Fotografia 2: personagem Martin no filme *Pastores da Noite* – 1975
 Fonte: expirados.com.br

Neste sentido se pode compreender a gama de significados presentes em personagens como o de Martin. Homem formado que saíra para as bandas de Cachoeira e por lá se arribou por um “rabo” de saia. E após casamento retorna à cidade de Salvador e com isto retomam-se também os velhos e qualificadores adjetivos. Os colegas farristas a lhe chamarem para fazer jus ao seu nome (tão conhecido e propalado pelas línguas soteropolitanas), a nomenclatura que define o “cabra” conhecido e bem apanhado das terras da vadiagem, “rei dos malandros, sempre preferido entre as putas e as donzelas”.

A partir desse ponto de vista compreendemos o enredo de *Pastores* como uma narrativa que contempla um contexto tradicionalmente construído a respeito de uma terra e seus feitiços, sua magia, seu sabor, seu poder inebriante, de seus seres/personagens quase míticos. Em uma das músicas de Pixinguinha (1928) o autor faz referência a essa oásis, a maravilha baiana como a afirmar e apregoar ainda mais significado a tamanha simbologia referente a uma terra já existente.

Ai, eu queria
 Ir uma vez à bahia
 Conhecer aquele estado
 Porque falam muito bem
 Dar um abraço nas baianas
 E nos baianos também

Conhecer são salvador
 O canela até o fim
 A baixa do sapateiro
 Cais dourado e bonfim
 E depois de tudo isso
 Despedir-me da folia
 E trazer uma baiana
 Para a minha companhia (*Ai, Eu Queria - Pixinguinha*)

Dentro desse prisma, os elementos culturais, não só literários como a obra de Amado, mas as letras de canções vem reafirmar as características de um povo, de uma gente, de homens e mulheres com seus feitios regados a uma boa farra e paquera.

Daí a necessidade de compreender ainda mais todo o processo idealizado do projeto de Bahia pensado meticulosamente por um governo e que se estende até os dias atuais, reafirmando forma em reportagens sobre carnaval (principalmente através da transmissora local soteropolitana Rede Bahia de Televisão de propriedade do grupo DEM antigo partido conhecido como Carlista, nome esse originário do seu ex-líder Antônio Carlos Magalhães), sobre os sabores da terra, sobre as peculiaridades de seu povo, sua arte, seus sorrisos e encantos.

A reafirmação de sujeitos baianos é uma base representativa de um grupo específico, existente, porém qualificado aqui apenas como minoria representativa de um povo, de um todo baiano. No livro *Ari Barroso e a invenção do Brasil brasileiro* de Rufino, o autor em um dos pontos abordados vem discutir sobre essas características exóticas da terra e povo baiano a partir de alguns trechos de canções de “exultação” a Bahia, mas é uma voz que não pertence ao contexto comentado, é a voz do outro, a voz do contemplador, de visitante/turista.

Nas letras, pode-se constatar a ideia da Bahia associada a uma terra mítica e festeira (*Despedir-me da folia*), famosa (*Porque falam muito bem*), graças aos seus “quebrantos” e “encantos”. Em todos os exemplos, as descrições da Bahia são pautadas em algo comum: a sua explícita singularidade, o que pode ser visto, em alguns momentos como a terra do exotismo (*A Bahia tem um jeito que nenhuma terra tem*). Nos discursos da letra de Noel Rosa, a visão construída de Bahia e que, com o tempo, fora naturalizada, é explícita como um estatuto de verdade. O sujeito enunciador afirma que naquela cidade *só o samba cabe*, ressaltando *que todo mundo sabe disso* (RUFINO, 2008, p. 149-150).

Porém, o que o autor analisa não é o mero referimento de adjetivos e qualificadores de uma terra (o território baiano), mas sim compreender em uma análise enfática a clara referência do sentimento de não-pertencimento ao contexto propalado. Em um dos trechos a que nos referimos, Rufino (2008, p. 150) deixa explícito que:

É intrigante notar que mesmo Ari Barroso que dedica dezenas de canções à Bahia, após fazer uma defesa da terra que tanto o agrada (Bahia/ Quem pintou tua aquarela/ Só viu farofa amarela/ Vatapá e canjerê/ Ai, ai, ai/ Não viu você), declara, para mostrar-se isento daquela cultura “Eu não sou baiano não”.

Com isso, fica evidente o fato de tal alusão a uma terra conhecida pela sua alegria, suas belezas, seu povo e de algum modo subliminarmente estereotipado, como a afirmar que “[...] o olhar de desqualificação para com a Bahia que, apesar de cantada, não escondia, em suas representações, o desprezo que as letras sutilmente evocam. [...] ‘A Bahia é boa: ela lá e eu cá’”. Portanto, a fala/discurso se reporta a uma terra apenas com o olhar de visitante, aquele que a quer, que a deseja apenas por momentos e não para aqui fazer morada, fincar raízes. Deste modo também, vale ressaltar que as canções a essa terra dedicada fazem parte da reiteração das ideias também da nação brasileira, como o país do povo feliz e festeiro e desse modo o canta-se a Bahia também.

Rufino afirma dentro desses propósitos que,

Assim, quando alguns ícones da cultura brasileira resolveram, retratar a Bahia, fizeram-no, baseando-se numa imagem estereotípica que, de certa forma, já se encontrava disponível nas expressões culturais nacionais, com todas as *marcas* que esses artistas conferiram. Tais marcas foram responsáveis pela disseminação de uma ideia de que todos que fossem verdadeiros compositores brasileiros deveriam, em algum momento, falar, descrever, elogiar a Bahia, pois era inadmissível, que alguém que quisesse conhecer o Brasil, não houvesse ido à Bahia, bem como quem se dispusesse a cantar a nação, não se remetesse à terra baiana, consagrada, na visão de Ari Barroso, como a *Terra da felicidade* (RUFINO, 2008, p. 98).

*Oooo Bahia, Oooo Bahia
De maos dadas eu vou Bahia
Com meus companheiros, vadiar na noite e te namorar
Ooo Bahia, Oooo Bahia
Sarava meu amor Bahia*

*Tem pitanga verde, tem mangaba doce perfumando o ar
 Nas tuas negras ancas quero vadiar
 Nas ruas, nas estrelas, nas ladeiras
 Do teu mar
 Eeee Bahia
 Oooo Bahia, Ooo Bahia*

*Oooo Bahia, Oooo Bahia
 De maos dadas eu vou Bahia
 Com meus companheiros, vadiar na noite e te namorar
 Ooo Bahia, Oooo Bahia
 Sarava meu amor Bahia*

*Tem pitanga verde, tem mangaba doce perfumando o ar
 Nas tuas tetas mansas vou me saciar*

No sal de Amaralina e o meu Deus a caçar

*Oooo Bahia, Oooo Bahia
 De maos dadas eu vou Bahia
 Com meus companheiros, vadiar na noite e te namorar (Bahia -
Venice).*

Nada melhor para iniciar a descrição da Bahia Amadiana do que com a música em elegia ao estado baiano que compôs a trilha sonora do filme Pastores da Noite de 1975 que narra a existência de uma terra regada de feitiços, embriagada de uma magia e de um misticismo encontrado apenas pelas bandas de cá. Esse estado tão cantado, tão desejado, é praticamente e porque não dizer uma mulata de ancas largas e sorriso faceiro, que se entrega a brincadeira do samba, que rir com um riso solto a solicitude convidativa de boas vindas aos seus visitantes/amantes. A Bahia é uma mulher. Uma Marialva, dama bonita de encher os olhos e o coração das almas masculinas, que entorta as cabeças/pescoços dos moços olheiros, passantes, mundanos.

Ah! poucas mulheres na cama iguais a Marialva! Felizes ou desgraçados os que dormiram com ela mesmo uma única noite, seres à parte, diferente dos outros. Tinham sido eleitos num determinado momento. Os que tiveram tal sorte ou tal desgraça deveriam reunir-se e constituírem-se em Irmandade ou Confraria, em Ordem Benemérita e Sacrossanta, para encontrarem-se em dia e local determinado, pelo menos uma vez ao mês, e recordarem-na entre lágrimas e ranger de dentes.

Poucas mulheres como ela, na cama: tempestade violenta, cadela em cio, égua em fúria, e logo remanso de águas calmas, doçura de cafunés, tranquilo seio de descanso, e mais uma vez mar em temporal e o arrulhar dos pombos. Quem com Marialva dormia uma vez, não tinha descanso nem alegria antes de deitar-se novamente a seu lado, comer em sua fome, beber em sua sede. Um marinheiro deitara com

ela e no outro dia partira para Salvador onde estava seu navio. No mar oceano viajou com a lembrança de Marialva, largou o barco na primeira escala, para voltar à Bahia e ir procurá-la suplicante. Um padre também dormiu com ela certa noite, danado ficou desde então e para sempre (AMADO, 1979, p. 71).

Como Martin o estereótipo do bom malandro, Marialva presentifica-se também como representação nessa perspectiva, uma mulher que seduz os homens com seu ar faceiro e seu corpo escultural, sua beleza estonteante contagia os corações amantes da beleza feminina baiana e assim leva vários indivíduos a se apaixonarem pelo seu ser. É desse modo que a figura da nossa terra é veiculada, um lugar que contagia, que enfeitiça, que possui a malemolência nata do ser, a beleza exótica e enfeitiçante. São ladeiras/curvas, são sambas entoados em seu nome mulher/terra, são feitiços provados e embriagantes, mas não a queremos como esposa, apenas como amante passageira, queremos ser seu visitante esporádico, aqui não se quer fazer morada, nem em uma como nem na outra.

Nessa ânsia de desejos pela terra e pela mulher, os perfis vão sendo criados, reconfigurados e alimentados, a partir dessa tradição baiana. Pensar em estereótipos e baianidades é refletir sobre as figurações que perfazem a tradição, que constroem e difundem as imagens baianas, que alimentam através da literatura, da televisão e tantos outros propagadores de informações. No próximo capítulo iremos abordar de forma complementar as discussões em voga sobre estereótipos baianos, como a figura do negro Massú no livro *Os Pastores da noite*, fazendo uma ponte com a abordagem que a mídia televisiva fez da obra.

3 IMAGENS DE BAIANIDADE

Como discutido no primeiro capítulo, a baianidade é um discurso hegemônico que foi construído de dentro para fora, e ganhou adeptos em várias partes do mundo o que ajudou a difundir essa ideia, com o intuito de melhorar econômica, social e politicamente a Bahia. No segundo capítulo, analisamos a obra *Os Pastores da Noite* (1979), fazendo uma reflexão sobre as figuras representativas desses ideais de baianidade a partir dos personagens do Cabo Martin e Marialva, analisando o quanto essa narrativa fortalece os estereótipos baianos. Desse modo, ponderaremos aqui a baianidade com o passar do tempo; a minissérie *Pastores da noite* da emissora Rede Globo baseada no livro que analisamos nesse trabalho; e observaremos a Bahia da década de 1960, apresentada por Amado em *Os Pastores da Noite* e a Bahia contemporânea com seu discurso de baianidade reinventado.

O discurso inicial sobre o modo de vida dos baianos acabou por tomar outros rumos, segundo Moura a baianidade atual perdeu algumas peculiaridades:

A narrativa da baianidade está em refluxo. O pagode e o arrocha são hoje os estilos musicais mais cultivados pela população, e também o gospel, em diversas cidades. A música de Carnaval, hoje, fala menos da Bahia. Daniela Mercury, de dois em dois anos, grava uma ou duas canções em disco falando da Bahia. Ivete não faz mais isto. Margareth ficou menos visível. Para além da música de Carnaval, os casos mais emblemáticos são os compositores do tipo Roberto Mendes (MOURA, 2011, *op. cit.*).

Vemos aqui a configuração da imagem inicial da Bahia, a troca de elementos típicos como as músicas que aclamavam as belezas do lugar e do seu povo são substituídas por músicas que tratam de temas comuns, apenas alguns cantores mais antigos, conhecidos como os *Novos Baianos*, continuam a falar sobre os encantos da sua terra, entretanto isso acontece com menos frequência.

O que se pode observar, a partir dos anos 1980, é a difusão dos instrumentos eletrônicos e a inclusão, nas bandas mais poderosas e associadas aos intérpretes e vocalistas mais famosos, de instrumentos de sopro que passam também a executar solos e vinhetas, a diminuir a importância relativa dos instrumentos de percussão. Tais constatações abrem caminho para a compreensão de uma série de mudanças na

composição das bandas, na montagem do repertório e na sucessão das modas rítmicas (MOURA, 2001, p. 113).

Até mesmo o carnaval, marca registrada de Salvador, perdeu algumas das suas características. De acordo com Moura (2001), desde as músicas, às roupas, os instrumentos, os próprios cantores e o povo tudo passou por mudanças. Percebemos o surgimento de uma baianidade reconfigurada a partir de novas realidades culturais. Diferente do primeiro que trouxe a fama de “terra da felicidade” à Bahia induzindo milhões de pessoas a quererem conhecer o lugar de mistérios e paixões, esse novo discurso se configura a cada dia. Apesar de ter como base a ideia inicial, nos vemos diante de uma releitura da baianidade, com os mesmos “mitos”, porém menos etnocêntrica.

[...] não significa a dispensa de antigos mitos. Ao contrário estes são recuperados ou recauchutados em vista de sua reintegração funcional, a exemplo do que ocorre com a faustosa baianidade, sempre um posto a serviço do outro. Valores fundamentais como a preguiça e a musicalidade do povo, presentes no ritmo carnavalesco, se acoplam como componentes do próprio desenvolvimento na sua nova configuração mistificada posta como referencial dessa sempre nova cultura baiana, cuja reprodutibilidade só pode ser assegurada pela única via considerada legítima de atividade lucrativa (OLIVEIRA, 2000, p. 16).

Dessa forma, nem tudo foi modificado no discurso de baianidade, alguns elementos ganharam mais força, tornando-se ícones da cultura baiana. É o caso da cultura afro que antes era pregada como diferencial e agora é tida como uma das principais características da cultura baiana. Tudo que é voltado para a “afrobaianidade” ganhou destaque como: a capoeira, a culinária, o candomblé, celebrações religiosas, o axé e a dança. É importante dizer que até pouco tempo a culinária que hoje se apresenta como ícone da cultura baiana era tida apenas como parte do candomblé, era uma das formas de agradar as entidades e faziam parte dos rituais, Diovana Ferreira Oliveira (2009) diz que:

Por estar entranhado, histórico e culturalmente no cotidiano baiano, o alimento se revela no simples evento da degustação com um caráter apreciativo do ‘comer baiano’, está destituído (no momento e para o indivíduo) do seu significado sagrado que incorpora no ritual do Candomblé quando é ofertado ao orixá correspondente.

Independentemente do significado que o alimento assume a refeição é por si só um cerimonial que adquire exigências, normas e especificidades de acordo com tempo e espaço em que se insere na história (OLIVEIRA, 2009, p. 07).

Diante disso, percebemos que alguns elementos da cultura baiana assumiram outros significados e passaram a integrar o quadro da nova baianidade, da mesma forma como a música baiana que perdeu algumas das suas características. E na obra em análise, temos a baianidade inicial com a paixão declarada de Amado desenhando uma Bahia lírica, com seus homens e mulheres exalando luxúria ávidos por prazer, as ruas estreitas do pelourinho ou do cais são descritas como um convite à aventura, o povo negro e forte cheio de crenças tem como principal religião o candomblé. Temos então o retrato da baianidade de 1960, configurada sob os moldes do projeto mercadológico do grupo de ACM.



Fotografia 03: ACM na Lavagem da escada da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim.
Fonte: http://enquadrandoacolinasagrada.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html

A baianidade contemporânea apresenta um novo estilo de religião, diferente da primeira que apresentava o candomblé como religião predominante, essa traz o sincretismo entre o candomblé e a igreja católica. Amado fez menção a isso em *Os Pastores da noite*, no segundo capítulo quando retrata o batizado do filho de Massu por Ogum na igreja católica.

A religião católica foi o ponto nodal da tolerância das autoridades e eventual expansão das expressões afro-brasileiras (considerando a

condição católica da sociedade lusitana). Através dos processos sincréticos entre a Igreja católica e religiões da África centro-ocidental, ocorreu um fenômeno curioso de construção de novas identidades, no qual os africanos e seus descendentes recriaram miticamente elementos de sua história e desenvolveram rituais que reafirmavam as características das comunidades africanas envolvidas. Este movimento, também chamado de “cristianismo africano”, de acordo com Marina de Mello e Souza, pôs em mesmos níveis de convivência as religiões tradicionais das diversas nações africanas (NOGUEIRA, 2002, p. 109).

A comprovação desse novo modelo de religião é a festa da lavagem da escada da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim, no bairro Bonfim, em Salvador. Nesse evento se reúnem católicos e adeptos do candomblé que juntos andam 8 km nas ruas baianas, cantando hinos de adoração ao Nosso Senhor Jesus Cristo e Oxalá, principais divindades de cada crença, realizando dessa maneira o maior exemplo brasileiro do fenômeno de fusão de religiões.



Fotografia 4: Baianas na lavagem da escada da Igreja de Nosso Senhor do Bonfim.
Fonte: http://enquadrandoacolinasagrada.blogspot.com.br/2011_06_01_archive.html

Jorge Amado descreveu em suas obras as principais características da Bahia de sua época, em muitos pontos narrou detalhadamente como vivia o povo pobre da sua

cidade, suas histórias, ricas em detalhes, servem como denúncia dos conflitos vividos por sua gente. Entretanto, ao frisar algumas características do seu povo acabou por alimentar alguns mitos sobre o povo baiano, alguns deles positivos outros negativos. É o caso dos estereótipos criados a partir do discurso inicial de baianidade e que se mantiveram firmes nos dias atuais, alguns deles vemos presentes nas releituras de obras amadianas que foram transformadas em filmes, novelas e minisséries.

3.1 MINISSÉRIE “PASTORES DA NOITE”

[...] se não fôssemos nós, pontais ao crepúsculo, vagarosos caminhantes dos prados do luar, como iria a noite – suas estrelas acendidas, suas esgarçadas nuvens, seu manto de negrume – como iria ela, perdida e solitária, acertar os caminhos tortuosos dessa cidade de becos e ladeiras? Em cada ladeira um ebó, em cada esquina um mistério, em cada coração noturno um grito de súplica, uma pena de amor, gosto de fome nas bocas de silêncio, e Exu solto na perigosa hora das encruzilhadas. Em nosso apascentar sem limites, íamos recolhendo a sede e a fome, as súplicas e os soluços, o estrume das dores e os brotos da esperança, os ais de amor e as desgarradas palavras doloridas, e preparávamos um ramallete cor de sangue para com ele enfeitar o manto da noite [...] (AMADO, Os Pastores da Noite, p. 13).

A literatura Amadiana percorre o mundo com seus dizeres que culminaram na expansão de tão singular obra. Aqui no Brasil as produções de Amado como é notório, é bastante conhecida e exaltada pelos admiradores da produção literária nacional. Alguns o criticam pelo considerado “excesso”, outros tantos viajam nos seus personagens quase míticos, seus cenários peculiares, os entraves que primam por prender o leitor/expectador nas suas mais diversas facetas. E nesse percurso engrandecedor, o escritor baiano, antes do seu falecimento em 06 de agosto de 2002, pôde contemplar a decolagem e o sucesso de seus livros, a transformação destes em telenovelas, filmes e

minisséries. Goldstein e Schwarcz discorrem a respeito da trajetória de Amado elencando as adaptações das suas obras para a televisão:

[...] Em 1975 Walter George Durst realizou para a tv Globo uma segunda adaptação de *Gabriela*, com Sônia Braga como a protagonista. *Terras do sem-fim*, adaptada por Walter George Durst, em 1981, *Tieta*, por Aguinaldo Silva, em 1989, e *Tocaia grande*, por Duca Rachid, em 1995, se tornaram também telenovelas da Globo. Em 2001, a emissora lançou a novela *Porto dos milagres*, dirigida por Fabrício Mamberti e Luciano Sabino e inspirada em dois livros de Jorge Amado: *Mar morto* e *A descoberta da América pelos turcos*, seu último romance, de 1994 (2009, p. 18).

E ainda em:

Tenda dos Milagres, adaptada por Aguinaldo Silva, em 1985, *Capitães da Areia*, por José Louzeiro e Antonio Carlos Fontoura, em 1989, *Tereza Batista*, por Vicente Sesso, em 1992, *Dona Flor*, por Dias Gomes, em 1997, e *Pastores da noite*, por Maurício Farias e Sérgio Machado, em 2002, se transformaram em minisséries. Atores do porte de Sônia Braga, Nelson Xavier e Betty Faria tiveram interpretações consagradoras de personagens de Jorge Amado. Enquanto assistia na TV às encenações das histórias de Jorge, o Brasil via a si mesmo, e aprendia quem estava predestinado a ser (2009, p. 18).

A partir desse prisma, podemos compreender que as autoras deixam claro a perspectiva da formação identitária brasileira a partir do viés amadiano, ou seja, a difusão da literatura do autor em estudo acabou por (re)definir uma identidade brasileira, identidade esta vendida no postais e propagandas de turismo que são divulgados fora do país. Portanto, o Brasil aprendeu e passou a ser o Brasil turístico com a contribuição significativa da pintura brasileira aos olhos de Amado.

Deste modo, a difusão da literatura aqui em questão, ganhou roupagens novas, percorreu o Brasil de um outro modo, correu os olhares e ouvidos do povo brasileiro através das telinhas do cinema ou na sua grande maioria, por meio do veículo hegemônico que se faz presente em quase todos os lares brasileiros: a televisão. E essencialmente falando, através da emissora Rede Globo de Televisão – Organizações GLOBO que propagou todas as minisséries produzidas baseadas em obras do grande escritor baiano. É através dessa emissora que Amado entra e faz viajar por seus

personagens, brasileiros e brasileiras, entoando num só ritmo a torcida pelos seus protagonistas como Tieta, Gabriela, Pedro Arcanjo, Quincas Berro D'água, Dona Flor, Tereza, Os capitães, dentre outros. Nessa perspectiva podemos entender e contemplar a transmissão de histórias protagonizadas desde Salvador ao recôncavo baiano, a exemplo de ilhéus, que “a cada lançamento, não é só a literatura de Jorge Amado que se dissemina – é uma imagem do Brasil que ela carrega e difunde” (SCHWARCZ; GOLDSTEIN, 2009, p. 18).

Ao falar na produção de minisséries, surge o trabalho cinematográfico sobre a obra *Os Pastores da noite*, que reflete o interesse, e porque não dizer, a importância dos discursos sobre a baianidade, e o desejo de fortalecer esses dizeres nacionalmente. A minissérie possui características que exaltam um modo de vida que passeia entre porres de cachaça, noitadas no Castelo de Tibéria, roda de jogo e magia de pertencer a esses eventos. Dividida em quatro episódios, além de extras contendo passagens inéditas, sendo eles nomeados como: O Casamento do Cabo Martim, O cumpadre de Ogum, A paixão de Curió e Um vestido para Otália, sendo o DVD lançado pela Rede Globo em 2002.



Fotografia 5: Personagens da minissérie *Pastores da noite* – Rede Globo

Fonte: <http://fotos.noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2012/10/15/fernanda-montenegro---trajetoria-da-dama-do-teatro.htm#fotoNav=38>

Na minissérie, as amizades e as desventuras amorosas são narradas com tons de humor, dotadas de uma singularidade que encanta de forma praticamente fiel ao livro. Já no livro os personagens se voltam para a sua personalidade fundamental: o “Cabo Martin”. Ele sorri debochadamente da existência, pois ela o elege como artista maior e todos (amigos e conhecidos) ao seu redor o glorificam, fazem suas vontades, brindam a sua chegada e aquietam-se de tristeza diante da sua partida. E o texto vai sendo narrado com suas peripécias, seus risos e guinadas. Mas o ambiente soteropolitano é tão instigante, tão enfeitante que mesmo casado Martin não se prende a sua nova vida e retorna bailantemente para a sua história farrista. O autor cita um provérbio de um cais da Bahia que resume bem a relação Martin com as mulheres: “Não se pode dormir com todas as mulheres do mundo, mas deve-se fazer esforço”. Além de mulherengo nato, é um excelente capoeirista, ele não perde uma briga e só sai de uma deixando para trás indivíduos humilhados, ressentidos, sedentos de vingança.

Além do perfil malandro e da mulher sensual, existem outras personagens que refletem estereótipos/modelos próprios de um povo, de uma terra/lugar, como por exemplo, a ampla abordagem religiosa feita na obra que passeia entre traços do catolicismo e das manifestações de crença afro. Nesse aspecto, o sincretismo religioso é fator explícito durante todos os capítulos da minissérie. Tanto que no primeiro episódio, intitulado de O Casamento do Cabo Martim que narra o retorno do Cabo a cidade de São Salvador casado com a instigante Marialva, os pombinhos são recebidos com um “Ebó” na porta de casa, demonstrando assim que eles não eram bem vindos à aquele lugar.

Portanto, compreendemos que a produção cinematográfica (minissérie – *Pastores da noite*) veicula um discurso praticamente fiel a voz do texto de Amado. Sendo assim, a utilização do texto para “entretenimento” do povo brasileiro acaba por consolidar um discurso sobre a Bahia, sua gente, seus cenários e todo seu enredo, que acaba por persuadir, fisgar e influenciar na re-formulação da identidade de um lugar.

3.2 AS BAHIAS E BAIANIDADES

A novidade é que essa Bahia que ‘conhecemos’ não é só isso, ela vai além das rodovias, das roças e roçados, do litoral engarrafado, ela

vai além de onde a nossa vista alcança. (Parafraçando Milton Nascimento e Fernando Brant)

A Bahia é compreendida como uma extensão territorial ampla (564.733,177 Km² censo 2010 IBGE) e desde modo, não cabe na identidade propalada a respeito dessa terra. A pesquisadora Vasconcelos (2011) em *Ser-tão baiano* explicita a principal referência dessa identidade hegemônica, convencionalmente entendida como baianidade à obra de Amado, fato este que fortaleceu nosso trabalho entoando num mesmo ritmo, as indagações sobre a identidade interiorana baiana. Deste posto, temos um pensamento que dialoga com o texto de Vasconcelos, na medida em que a autora problematiza o fato de que “as diferenças regionais dentro de um mesmo estado são marcadas por uma lógica hierárquica e discriminatória na convivência cotidiana e por insatisfações a respeito das formulações de em torno de políticas culturais ligadas ao turismo...” (VASCONCELOS, 2011, p. 22).

Ao passo que a baianidade segundo nossas concepções é entendida de maneira plural, ou seja, é vasta e não caberia em apenas uma, duas ou três definições, pois somos sujeitos que dentro de um contexto definido como estado baiano (e levando em consideração a vastidão de tal território), e nas diversas acepções de vivências ele possui inúmeras peculiaridades, sendo assim determinado apenas como baianidades: rural, urbano, asfalto, litoral, ribeirinhos, e dentro desses elementos estariam tantos outros que limitariam qualquer conceito taxativo.

Já para Amado no romance em análise a identidade é apenas personificada, digna daqueles personagens que intencionalmente ou não, foram definidos como protagonista e a partir deste fato foram tomados como modelo definitivo da identidade de um povo, que necessariamente não corresponde a realidade.

Portanto, as indagações que permearam este trabalho compreende a Bahia em suas várias Bahias, conjugada com a diversidade, com características eminentemente híbridas culturalmente. E a baianidade nesta mesma perspectiva pluralizada, não sendo possível a definição *strictu sensu* a não ser nas múltiplas possibilidades caracterizantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho encontra-se em fase apenas reiterativa, que possui como objetivo retomar o discurso abordado e expor de modo enfático, as questões identitárias que permeiam a identidade de suas produtoras, características e peculiaridades pertencentes tanto a ideia de Bahias e baianidades.

A presente tarefa buscou discutir a construção de padrões identitários baianos minimamente construídos a partir do viés literário. Literatura essa do ilustre escritor baiano Amado, que teve seu centenário comemorado neste ano de 2012. Amado esculpiu através de palavras as características de uma cidade e sua gente, impregnando sua obra com o cheiro, os sabores, desejos, gingados, o ritmo, as expressões próprias de um povo cheio de artimanha e emoção que parecem desenhados a mão.

Esse estudo discorreu também sobre o “modo de vida dos baianos”, ou seja, a baianidade, analisando a ideia de sua invenção como o resultado de um produto mercadológico criado no intuito de alavancar a situação política, econômica e social da Bahia, e os possíveis fatores que contribuíram na sua invenção e fixação. Como suporte para análise do tema em questão, escolhemos *Os Pastores da Noite*, justamente por julgarmos que ela apresenta, detalhadamente, o estilo de vida dos baianos que melhor se encaixa dentro do perfil traçado pela baianidade.

Dessa maneira, esse estudo investiu na análise dessa obra, no intuito de refletir o quanto ela contribuiu para a invenção/construção da baianidade, tentando compreender a formação identitária do povo baiano que fica vulneráveis a esse discurso, que ora os acolhe, ora os marginaliza.

Assim, buscamos definir até que ponto *Os pastores da noite* contribui na construção/invenção da baianidade. Acreditamos que essa obra juntamente com algumas músicas (entre elas algumas citadas nesse estudo como *Você já foi à Bahia* de Dorival Caymmi); produções literárias e não-literárias da época; atreladas à pinturas, gravuras e fotografias de nomes como Carybé e Verger; projetos políticos e a influência de nomes importantes da política e da sociedade brasileira de um modo geral, contribuíram para a construção desse discurso. Portanto, não apenas essa obra, mas um conjunto de fatores e pensadores colaboraram conscientemente ou não com a

configuração do discurso homogêneo do modo de vida dos baianos, transformando as culturas existente no estado da Bahia em “Cultura baiana”. E que baianidade é essa?

A baianidade que encontramos a partir de nossas pesquisas e exibimos ao longo desse trabalho apresenta apenas as características da vida em Salvador e o Recôncavo Baiano, marginalizando completamente os baianos oriundos do interior do estado que mais se assemelham aos sertanejos. É um discurso excludente e hegemônico, representando apenas os sujeitos da capital e do Recôncavo Baiano.

A Bahia apresentada na obra por nós analisada é a mesma propalada pela baianidade. Dessa maneira é criada uma imagem padrão, essa mesma imagem é veiculada pelos meios de comunicação. E é nesse ponto que ela se torna excludente, pois ao divulgar apenas uma imagem de Bahia, todas as outras *bahias* e baianos são colocados à margem por não se encaixarem dentro desse discurso. É o que acontece com a maioria dos interioranos desse Estado e, nós nos encaixamos entre esses sujeitos que, por não se encaixarem no perfil de baiano se percebem destituídos de sua personalidade cultural estadual.

Durante nossas pesquisas encontramos vários autores ponderando acerca de uma reconfiguração da baianidade, percebemos que assim como a sociedade e os sujeitos, ela também evoluiu, é a baianidade contemporânea. Entretanto, muitos dos mitos anteriores se mantiveram e outros aparecem mais contidos, como a questão das músicas. A baianidade contemporânea, também chamada de afro-baianidade, focaliza suas energias para assegurar as falas sobre um estado negro e, nesse ponto, alguns símbolos desse novo discurso são destituídos de seu significado, como aconteceu com as comidas que antes eram apenas usadas no Candomblé e, atualmente é apenas mais uma característica da “cultura baiana”.

Creemos que esse trabalho é de suma importância para a nossa formação enquanto estudantes e sujeitos “configurados” a partir do discurso da baianidade. Importante por nos permitir compreender melhor o processo de formação dessa imagem, e o quanto ela influencia na vida de indivíduos comuns, tanto aos que a internalizam e passam a representá-la, quanto aos que não se encaixam dentro desse modelo e se sentem destituídos de parte da sua identidade cultural estadual. Nesse ponto, acreditamos que a partir dessa pesquisa demos voz aos sujeitos do interior que, apesar de existirem e serem maioria no estado baiano, não são vistos ou representados dentro do discurso que homogeniza a cultura desse lugar.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Josélia. **O corpo das ruas: A fotografia de Pierre Verger na construção da Bahia iorubá**. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez. 2001.

ALLPORT, Gordon. (1954). **The nature of prejudice**. In: SANTOS, Marcos Joel De Melo. **Estereótipos, preconceitos, axé-music e pagode**. UFBA, Salvador, 2006.

AMADO, Jorge. **Os Pastores da Noite**. 32ª ed. Rio de Janeiro, Record, 1979.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. Trad. Denise Bottman. São Paulo: Cia das letras, 2008.

AZEVEDO, Aluísio. **O cortiço**. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997.

AZEVEDO, Thales de. **Os brasileiros; estudos de “caráter nacional”**. Salvador: Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, 1981.

BARBOSA, Júlia Monnerat. **Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB**. 2010. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense, Niterói.

BARROSO, Ari. Aquarela do Brasil. In: RUFINO, João Edson. **Ari Barroso e a invenção do Brasil Brasileiro**. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2008.

FARIAS. Direção: Maurício. **Os pastores noite**. Rede Globo, 2002. DVD (131 min)

FREYRE, Gilberto. **Bahia e baianos**. Salvador: Fundação das Artes, 1990.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org). **O universo de Jorge Amado: Orientações para o trabalho em sala de aula**. 1. Ed. São Paulo: Companhia da Letras, v.2, 2009. (Cadernos de Leituras, Coleção Jorge amado).

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1990.

GOLDSTEIN, Norma Seltzer. *A literatura de Jorge Amado: Orientações para o trabalho em sala de aula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz da Silva e Guaciane Lopes Lauro. 6 ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2006.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Área 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ba> Acesso em: 03 de dezembro de 2012.

LIPPMANN, W. (1922/1961). Public Opinion. In: SANTOS, Marcos Joel De Melo. **Estereótipos, preconceitos, axé-music e pagode**. UFBA ,Salvador, 2006.

MARIANO, Agnes. **A Invenção da Baianidade**. Editora Annablume, São Paulo, 2009.

MIGUEZ, Paulo César. **A Organização da cultura na “Cidade da Bahia”**. 2002. Tese (Doutorado em comunicação Cultural Contemporânea). Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MOURA, Milton. 2011. **Milton Moura**. Disponível em: <http://www.edufba.ufba.br/2011/05/milton-moura>. Acessado em: 05/11/2012.

MOURA, Milton. **Carnaval e baianidade: arestas na coreografia das identidades no carnaval de Salvador**. 2001. Tese (Doutorado em comunicação e Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MOURA, Milton. **Prof. Milton Moura nos fala sobre esterótipos de baianidade**. Disponível em: http://www.passeiweb.com/saiba_mais/atualidades/1256829632. Acessado em: 17/09/2012

NOGUEIRA, Rodrigo M. Ferreira. **A festa negra na Bahia: do medo à apoteose**. 2008. Disponível em: www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/edicao2/artigo6.pdf Acessado em: 30 de agosto de 2012.

NOVA, Luiz; FERNANDES, Taiane. **Baianidade, Mais definições em trânsito**. Salvador, 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/maisdefinicoes/BAIANIDADE.pdf>. Acesso em: 15 de agosto de 2011.

OLIVEIRA, Diovana Ferreira. **Do Terreiro ao Tabuleiro: Uma análise da Re-significação da comida de santo em Comida típica na culinária baiana**. 2009. In: <http://www.congressohistoriajatai.org/anais2009/doc%20%2817%29.pdf>

OLIVEIRA, Nelson. **Sob o manto da concórdia: Bahia como contrafação do moderno.** *In:* A outra face da moeda. Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador. Salvador, 2000.

RUFINO, João Edson. **Ari Barroso e a invenção do Brasil Brasileiro.** Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2008.

SANTOS, Marcos Joel De Melo. **Estereótipos, preconceitos, axé-music e pagode.** UFBA, Salvador, 2006.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 – 1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TAJFEL, Henri. (1982). **Grupos humanos e categorias sociais.** Lisboa: Livros Horizonte.

VASCONCELOS, Claudia Pereira. **Ser-tão baiano: O lugar da sertanidade na configuração da identidade baiana.** Editora: EDUFBA, 2011.